A misty forest scene with tall trees and a grassy foreground with flowers. The text is centered in the middle of the image.

**Sejam bem vindos
ao maravilhoso
mundo da
literatura...**

**Aproveitem o
passeio por terras
misteriosas...**

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

MARINA FORMIS DE OLIVEIRA

VIAJANDO PELA OBRA DE ANA MARIA MACHADO -
POSSIBILIDADES DA LITERATURA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

Campinas
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Oliveira, Marina Formis de

OL4v

Viajando pela obra de Ana Maria Machado –
Possibilidades da Literatura como documento histórico /
Marina Formis de Oliveira. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Maria Carolina Bovério Galzerani.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Machado, Ana Maria, 1941- . 2. Literatura infanto- juvenil.
3. Documento histórico. I. Galzerani, Maria Carolina Bovério.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Título.

11-133-BFE

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

MARINA FORMIS DE OLIVEIRA

VIAJANDO PELA OBRA DE ANA MARIA MACHADO -
POSSIBILIDADES DA LITERATURA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para a conclusão do curso de
Pedagogia para a Faculdade de
Educação da Unicamp, sob a
orientação da Professora Doutora
Maria Carolina Bovério Galzerani,

Campinas
2011

Comissão Julgadora

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Carolina Bovério Galzerani

2ª leitora:

Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernandez

FICHA DE ILUSTRAÇÕES

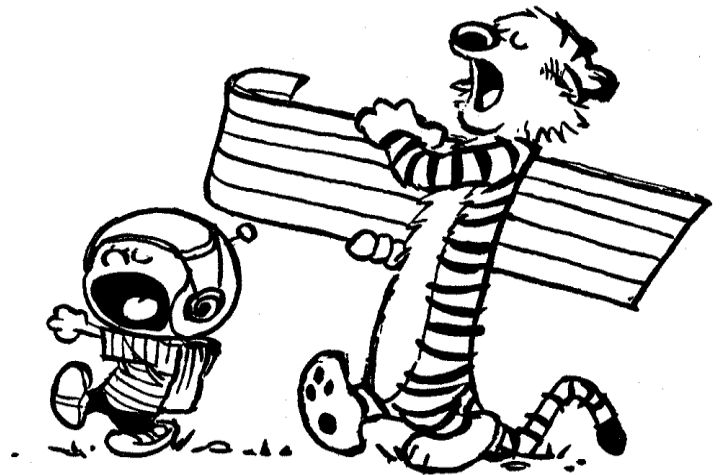
Arte da capa e contra-capas – Marcelo Abreh, 2011.

Ilustração da página 66 – Antonio José do Espírito, 1980.

Ilustração da página 77 – Gerson Conforto, 1981.

Ilustração da página 82 – Regina Yolanda, 1982.

A Canção do Yukon



Pegue o trenó, meu amigo felino
Fiz um lanche pra gente levar
Estamos prontos, e o nosso destino
É partir e não mais voltar!

Pros diabos com a velha vida!
Adeus, mamãe e papai.
Cansamos da rotina sofrida.
E, ao rabanete, diremos não mais!

Quero que a vida tenha sentido.
Quero brincar na neve o ano inteiro
E não meus pais berrando no ouvido
"O seu quarto está um chiqueiro".

Yukon é onde queremos morar!
Não há outra alternativa
Lá vamos gritar e xingar
E agir de maneira primitiva.

E àquela escola nefasta
Não mais iremos voltar
Aos professores tirânicos, um basta
Ninguém vai me ensinar a somar.

Legume é uma grande bobagem
Espinafre não faz crescer
De agora em diante serei um selvagem
E só uso garfo se eu bem entender!

Nossos amigos serão os lobos
Vamos dormir tarde e com eles uivar
A noite inteira sentados num toco
E de manhã queremos caçar.

Espero estar sendo enfático:
Em mim ninguém vai mandar!
Ó terras geladas do Ártico!
Isso é que é vida! Mal posso esperar!

Nada de regras pra nós!
O tempo sem neve acabou.
Já vão tarde os adultos bocós!
Estamos partindo! Yukon Ho!

Bill Watterson, 2008.

DEDICATÓRIA

Dedico estes escritos a minha avó Gladys que me apresentou esse universo com muito amor e dedicação, abrindo as portas do mundo encantado da literatura para sempre em minha vida. Pelas palavras, exemplos e carinho esse trabalho é pra você Vó, espero que se delicie nesta leitura, como sempre faz.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte deste trabalho, direta e indiretamente e sem elas com certeza o ele não existiria, por isso meu muito obrigada a todos vocês da minha grande e querida família, do meu pequeno e valioso círculo de amizades e aos queridos educadores que tanto me ensinaram durante todo este percurso. Muito obrigada pela ajuda, pela companhia, pelas opiniões, pela compreensão e pelo incentivo.

RESUMO

A ponta do iceberg

Neste presente trabalho embarco em uma jornada exploratória na qual estabeleço um diálogo relacional com o universo da produção literária da autora Ana Maria Machado, mais especificamente nos títulos: *De olho nas penas*, *Do outro lado tem Segredos e Bisa Bia, Bisa Bel* – todas publicadas na década de 1980, período de produções expressivas na literatura infantil brasileira. Nesta expedição de desbravamento, revisito a tessitura discursiva dos livros estudados, no sentido de transitar por sua histórias, os espaços nos quais foram produzidas e, sobretudo os tempos; buscando sempre estabelecer relações com os seus ecos presentes na sociedade atual. Tenho como objetivo, também, conhecer os lugares que visito; analisando as obras, explicitando as potencialidades das obras literárias na constituição de visões de mundo e de sensibilidades- sempre historicamente situadas. Visando fortalecer a perspectiva da literatura como documento histórico, através da análise das obras delimitadas, focalizando, ao mesmo tempo, as possibilidades plurais de (re)criação de sentidos presentes nestas elaborações. Os livros, documentos históricos, serão analisados em sua materialidade textual (incluindo as iconografias) como documentos históricos, revelando a época em que foram produzidos, através da ótica da sua autora, de seus ilustradores, bem como das suas editoras. Como um dos resultados analíticos, destaco que tais obras são componentes importantes das práticas de educação das sensibilidades na contemporaneidade. Nesta viagem ao mundo encantado da literatura acompanham-me muitos companheiros – autores como E. P. Thompson, M. Lajolo, A. M. Machado, entre outros que me auxiliaram nesta jornada com textos, ideias e conceitos que possibilitaram esta produção ativa de conhecimento, onde dialogo e realizo conexões de sentidos, tecendo fios que resultaram nesta teia final como trabalho de conclusão de curso cercado de reflexão, imaginação e magia.

Palavras – chave:

1. ANA MARIA MACHADO. 2. LITERATURA INFANTIL. 3. DOCUMENTO HISTÓRICO.

ABSTRACT

The tip of the iceberg

In this article I take an exploratory journey intending to which establish a relational dialogue with the universe of the literary works produced by the author Ana Maria Machado, represented in three specific works – *De olho nas penas*, *Do outro lado tem Segredos e Bisa Bia, Bisa Bel* – all published in the '80s, a period of significant production in the Brazilian literature “for children”. In this expedition of discoveries I revisit the contemporary feel of the books studied in order to move inside their histories, their spaces, and especially, their times; always seeking to establish connections with the echoes that these histories left for society of today's. It is also my goal to know the best possible about the places I visit, analyzing the works, finding the greatest number of possibilities as I can, to demonstrate the potential of literary works in the construction of world views and sensibilities, always historically situated, making the perspective of literature stronger as a historical document, through the analysis of defined works, focusing the plural possibilities of (re)creation of meaning that exists in these elaborations. The books are analyzed throughout the materiality of their text and their contexts, taking into consideration their publishers, authors and illustrators as well as the time they were written. In that to this trip to the enchanted world of literature, a lot of partners (authors) goes along with me, authors like E. P. Thompson, M. Lajolo, A. M. Machado, and others who helped me in this journey with texts, ideas and concepts that enable this production of knowledge wish I can dialogue and realize connections that resulted in this final web, as the final work of my educational studies, surrounded by reflection, magic and imagination.

SUMÁRIO

RESUMO	9
A ponta do iceberg	
ABSTRACT	10
The tip of the iceberg	
SEJAM BEM VINDOS	13 - 17
O princípio da jornada.	
E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE	18 - 24
Uma história depois do final feliz	
METODOLOGIA	25 - 28
Viu?! Como se faz!	
L MAIÚSCULO DE LITERATURA	29 - 40
Descobrimo outras maneiras de contar o mundo / Os contos que contam o mundo	
1-Possibilidades	31 - 34
2-Literatura “infantil”	35 - 40
ANA MARIA MACHADO	41 - 45
A historiadora / “estoriadora”	
PRODUÇÃO LITERÁRIA DE ANA MARIA MACHADO	46 - 52
Uma vida traduzida em livros	
TRÊS ESCALAS DA JORNADA	54 - 80
Explorando os destinos desta viagem	
1- Apresentando os documentos	54 - 56
2- Do outro lado tem segredos	78 - 73

- a. Uma jornada pelos mistérios do além mar
- 3- De olho nas penas 65 – 74
 - a. Uma jornada por nossas raízes
- 4- Bisa Bia Bisa Bel 75 – 80
 - a. Uma jornada interior

CONCLUSÃO? 81 - 82

Rastros impressos na jornada.

FONTE DOCUMENTAL 83

BIBLIOGRAFIA 86 - 94

Base sólida que dá suporte a construção

ANEXOS 95 - 310

- 1- Do outro lado tem segredos
- 2- De olho nas penas
- 3- Bisa Bia Bisa Bel

SEJAM BEM VINDOS

O princípio da jornada

Puro engano de inocentes e desprevenidos, o princípio nunca foi a ponta nítida e precisa de uma linha, o princípio é um processo lentíssimo, demorado, que exige tempo e paciência para se perceber em que direção quer ir, que tenteia o caminho como um cego, o princípio é só o princípio...
José Saramago

No princípio desta jornada apresento as pretensões deste trabalho. Nesta pesquisa desbravo trajetos literários produzidos na década de 1980 no Brasil pela autora Ana Maria Machado. Com um cenário tão vasto e rico como este o recorte é essencial; é necessário usar um recorte específico e focar o olhar dentro desta vasta rede de relações e pontes de conexão possíveis. A bela paisagem escolhida é O vale encantado da escritora Ana Maria Machado. É nesta paisagem que passeio durante este trabalho, aventurando-me nas relações de sentido e de significados oferecidos pela literatura que tem como público alvo a infância. Foco especificadamente nas seguintes obras: *Bisa Bia, Bisa Bel; De olho nas Penas e Do outro lado tem segredos*, todas datadas na década de 1980 e que para mim representam os títulos mais relevantes do período, além de serem críticos e de extrema qualidade literária. Esta é uma viagem longa e cheia de aventuras, afinal: “*literatura nunca é apenas literatura*” (LEITE, apud CIPOLINI, 2003).

Nesta expedição de desbravamento, o objetivo é adentrar em terras estranhas - as do mundo encantado da literatura; buscando capturar indícios e significados impressos na paisagem, conhecendo o melhor possível os lugares que visito; analisando as obras e encontrando todas as possibilidades para demonstrar o poder presente nas obras literárias para a construção de visões de mundo e de sensibilidades- sempre historicamente situadas, fortalecendo a perspectiva da literatura como documento histórico, através da análise das obras delimitadas; focalizando, desta forma, as possibilidades plurais de (re)criação de sentidos presentes nestas elaborações.

Na relação com as produções de um dos maiores historiadores britânicos do século XX Edward Palmer Thompson (1998), podemos afirmar que o conceito de literatura como documento histórico potencializa o enraizamento desta produção no tempo, no espaço e nas relações sociais, nas quais foi pensada, permitindo, uma maior e mais autônoma compreensão por parte do sujeito leitor, que nesta perspectiva se torna sujeito ativo na produção de conhecimento. A literatura é focalizada como historicamente produzida, sendo um produto social; portanto, a literatura é entendida como um testemunho histórico, evidência histórica, objetivamente determinada, situada no processo histórico;

apresentando propriedades específicas que podem ser adequadamente interrogadas, sendo elemento mediador nas relações de produção de conhecimento (L. S. VYGOTSKY, 2000).

Na teoria Histórico-Cultural afirma-se que o ser humano não é exclusivamente geneticamente determinado; Vygotsky (2000), autor desta escola metodológica, reconhece a existência da base biológica filogenética, defende a existência de outro fator ainda mais determinante no complexo processo de desenvolvimento humano: a aprendizagem. Vygotsky afirma que aprendizado e desenvolvimento são processos distintos, porém inter-relacionados, desde o nascimento do indivíduo, sendo que o desenvolvimento ocorre do plano interpessoal (social) para o plano intrapessoal (individual), devido à atuação da mediação e da internalização. Ressalta a importância dos objetos ou sujeitos mediadores para a produção de conhecimento, da aprendizagem, e, conseqüentemente do desenvolvimento individual.

Os livros literários são, portanto, importantes pontes de relações; são mediadores de novas conexões psicológicas. De acordo com este autor russo consagrado no ramo da psicologia, nos seus estudos sobre desenvolvimento infantil humano: “O uso de meios artificiais (...) muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar” (2000, p. 62-63). A teoria Histórico-cultural e a tradição marxista cultural inglesa, da qual E. P. Thompson faz parte, podem facilmente interagir e se complementar, visto que as duas possibilitam entender a literatura como o resultado de uma complexa de interações de autores e leitores, texto e contexto.

A importância do contexto fica evidente quando vemos que: “A história não é, pois, nunca a história, mais a *história para*. Parcial mesmo quando se proíbe de o ser, ela continua a fazer parte de um todo, o que é ainda uma forma de parcialidade” (Lévi-Strauss apud Lajolo, 2007). Temos também a contribuição de uma autora, referência essencial em discussões literárias, a professora universitária Marisa Lajolo (2001) diz: “Uma obra literária é um objeto social muito específico. Para que ela exista, é preciso, em primeiro lugar, que alguém a escreva e que outro alguém a leia.” Fica clara a necessidade da localização da autoria na relação com sua temporalidade, para assegurar uma leitura plena de sentidos de uma obra que não é inocente, muito menos neutra.

Dessa maneira, a análise dos documentos (das obras selecionadas) não pode ser realizada com um olhar razo sobre as obras, ou então, numa análise que focalize apenas a linguagem pela linguagem (destacando narrador e enredo), ignorando os leitores para quem foram elaboradas e por quem foram produzidas (autora, editora e ilustrador), sem situá-los num dado tempo e espaço. As obras não serão vistas como meros panoramas, desconstituídas de sentido e significado, mas

principalmente, como possibilidades de construção de visões de mundo e sensibilidades, buscando sempre re-significar visões cristalizadas, quando leitores que se tornem agentes, social e historicamente ativos.

É importante explicitar que o ato de ler, a maneira de ler o mundo, também será visto por mim de uma maneira específica. Diferentes autores propuseram e conceituaram diferentemente o ato de ler. Para o intelectual revolucionário alemão Karl Marx (1867) a linguagem é máscara e uma leitura verdadeira é aquela que consegue sair das boas intenções da burguesia e descobre as relações de poder presentes por trás destas interações; para o filósofo nascido na Prússia, Friedrich Nietzsche (1983), ler também é conseguir ir além, é enxergar o belo e o bom, apresentados pela burguesia, e ser capaz de ver a vontade de poder oculta na mesma, sendo sempre capaz de desvendar o que está oculto e implícito. Para o neurologista austríaco, fundador da psicanálise, Sigmund Freud (1978), ler também é ir além, ir além do consciente e descobrir o que se esconde no inconsciente. Nestes casos, a proposta de leitura é sempre buscar algo que se esconde, que está camuflado, presente nas entrelinhas (FOUCAULT, 1996).

O pré-suposto adotado de leitura neste trabalho será o de buscar, assim como os autores acima, nas entrelinhas do texto as possibilidades que as brechas e as lacunas dos textos escondem, buscando o que está implícito poderá ser capaz de nos dizer. Mas, além disto, é importante dizer que a busca vai além; ao abrir as páginas dos livros; irei, como propõe o filósofo francês do séc. XX Michel Foucault (1996) também ler as linhas do texto, a sua materialidade em si, pois, “Ler não é só uma ponte para o oculto, para a essência, ler também é a essência”. Dessa maneira, acredito que ler seja uma experiência, por isso a necessidade de se deixar tocar, ao mergulhar no texto, vendo, sentindo, ouvindo, respirando as possibilidades do texto, afinal a linguagem é cheia de possibilidades, e também “ler é uma operação de caça” como afirmou o historiador francês do século XX Michel Certeau (1994).

Juntamente com a conceituação da literatura como documento histórico, apresentadas neste cenário, têm-se as discussões que permeiam a literatura infantil, e com elas as suas reflexões. Como a do literato inglês Lewis (2005), que afirma que “escrever uma história para crianças é a melhor forma artística de expressar algo que você quer dizer.” Lewis, autor de *Crônicas de Nárnia*, não concebe as crianças, de modo nenhum, como uma espécie estranha, cujos hábitos seria preciso “identificar”, como faria um antropólogo. Ao falar sobre escrever para crianças, afirma que não seria possível, entreter as crianças com coisas calculadas para agradar a elas, mas que o próprio autor visse com indiferença ou desprezo. “Tenho certeza de que a criança não se deixa enganar. Quem estivesse

contanto se tornaria um pouquinho diferente por estar falando com uma criança, e a criança se tornaria um pouquinho diferente por estar ouvindo as palavras de um adulto. Nesses casos, cria-se um acordo, uma composição de personalidades, da qual surge a história.” (LEWIS, 2005, p. 02).

Ao pesquisar autores que abordam o gênero literário catalogado como “infantil”, freqüentemente pode-se encontrar autores apaixonados, que defendem tal gênero, dando destaque sempre a maravilha e a liberdade existentes neste gênero, onde tudo é possível. Segundo Tolkien (1966), a literatura infantil seria como um conto de fadas, onde “O reino das histórias de fadas é amplo, profundo e alto, repleto de muitas coisas: todas as espécies de animais e aves se encontram por lá; oceanos sem margem e estrelas incontáveis; uma beleza que é um encantamento, e um perigo sempre presente; alegrias e tristezas agudas como espadas. Um homem pode, talvez, se considerar afortunado por ter vagado nesse reino, mas sua riqueza e estranheza atam a língua do viajante que as queira relatar. E, enquanto ele está por lá, é perigoso que faça perguntas demais, para que não se fechem os portões e não se percam as chaves.”

A discriminação do gênero literário infantil enfraquece-se aos poucos, perde forças juntamente com a concepção da criança como um ser ingênuo e desprovido de opinião própria, isento de capacidades. Cada vez mais autores escrevem para o público mirim, tendo entendimento de que “Literatura Infantil não é aquela que se destina exclusivamente a ser lida pelas crianças, mas, sim, aquela que pode ser lida também pelas crianças” (MACHADO, 2001). Sendo um gênero literário sempre cheio de possibilidades e rodeado de muitos mundos e fantasia. Destinado a adultos ou a crianças, um texto literário será sempre uma revelação do trabalho do escritor com a linguagem, o que lhe confere autonomia e esteticidade, ao tornar-se portador de uma proposta artística.

No livro *Uma história sem fim*, do autor Michel Ende (1997), a imperatriz criança, fonte de vida de todo o mundo da Fantasia adoece porque o personagem *Bastian* começa a crescer. Começa, então, a desacreditar em mundos imaginários, sem saber que irá acabar com seus amigos e inimigos que lhe fizeram companhia em suas criações imaginárias. Como tal personagem infantil, é preciso sempre manter viva a imaginação dentro de si, para não destruir o universo e os mundos fantásticos.

Mesmo no interior do mundo das fadas, da fantasia ou do mundo real, simplesmente, a visão da literatura como um sistema complexo, expresso nas práticas sociais, está presente. Este sistema é o responsável por realizar o encontro dos autores, dos leitores, dos livros e por meio da articulação deste encontro, como diz Lajolo (2004) – voluntário, sistemático e prolongado – é que a literatura se constitui e existe em seu conjunto de subsistemas. Dentro destes subsistemas, encontra-se a literatura infantil, que possui especificidades quanto ao público, autores e obras.

O que este olhar sobre a literatura tem a acrescentar, qual o movimento que ele produz e quais os saberes que ele é capaz de movimentar? Quais as possibilidades da literatura como ferramenta de movimentação de visões de mundo e de sensibilidades, como mediadora na produção de conhecimentos históricos educacionais? Estas questões são levantadas neste trabalho durante a análise da materialidade das obras de Machado como documento histórico. O trabalho busca estabelecer pontes para outras conexões, através da literatura.

Pontes importantes da literatura são as memórias e a imaginação; Ana Maria Machado diz em uma entrevista: “Do meu ponto de vista, eu escrevo sempre a partir de duas coisas: o que eu lembro e o que eu invento. Memória e imaginação são as duas grandes fontes do que eu faço.” O que eu posso extrair das obras de Machado, a partir deste olhar diferenciado e de uma concepção singular de literatura? Este olhar que sabe que “quando o livro permanece e o mundo em torno dele muda, o livro muda. Afinal, o espaço dos livros em que serão lidos irá mudar.” (BOURDIEU, *apud* CIPOLINI, 2003).

Dentro desta visão de construtor ativo e produtor de conhecimento, vemos que nós somos responsáveis por construir nossas próprias experiências. “Tal construção, todavia, resulta da colaboração, um tanto constrangida, entre percepções enganosas, geradas por ansiedade e correções levadas a efeito pelo raciocínio e pela experimentação.” (GAY, 1988, p.19). Essa é uma batalha de percepções; mais do que afirmações, são negações profundas sobre alguns conceitos que confrontam nossas ideias e escolhas e confrontam a nós mesmos. Como disse o filósofo e sociólogo alemão Walter Benjamin (1993):

Todo conhecimento, (...) deve conter um mínimo de contra-senso, como os antigos padrões de tapete ou de frisos ornamentais, onde sempre se pode descobrir, nalgum ponto, um desvio insignificante de seu curso normal. Em outras palavras: o decisivo não é o prosseguimento de conhecimento em conhecimento, mas o salto que se dá em cada um deles. É a marca imperceptível da autenticidade que os distingue de todos os objetos em série fabricados segundo um padrão. (p. 264).

Neste trabalho, produzo um diálogo entre conceitos e pesquisas empíricas como agente ativa produtora de conhecimentos e consciente da minha autonomia em relação a tal produção. Além de utilizar o texto como revelador das minhas ideias, pretendo que revele também, a minha história e a minha identidade, não sendo, portanto, neutro. Desta forma, não pretendo escrever de uma maneira que não me seja verdadeira tentando, mostrar-me em pequenas lacunas que sobrem ao longo do texto, esperando que alguém encontre-me escondida por de trás do texto, eu quero expressar-me a começar daqui, do início desta elaboração reflexiva que é este trabalho.

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE

Uma história depois do final feliz

Quando sonhamos com nossa identidade, devemos pensar que temos partículas que nasceram no despertar do universo. Temos átomos de carbono que se formaram em sóis anteriores ao nosso, pelo encontro de três núcleos de hélio que se constituíram em moléculas e neuro-moléculas na terra (...) mas nos transformamos em estranhos através de nosso conhecimento e de nossa cultura. (MORIN, 2000).

Peço licença para incorporar uma idéia. Vou fazer aqui o que fez Ana Maria Machado em “*História meio ao contrário*”, começando a narrativa pelo seu fim “convencional”, que, na verdade se torna o começo de outra; fica, assim, tudo meio diferente. Deixa claro, inclusive, que, quando se fala de contar histórias, nem tudo precisa ter um começo e um fim claro e delimitado, muito menos seguir o convencional. Afinal, *E viveram felizes para sempre* pode ser o começo de muitas histórias e *Era uma vez*, o final de muitas outras. Por isso vou começar pelo que, normalmente, nas narrativas românticas é apresentado como final - *E viveram felizes para sempre*.

Este final corresponde a este momento presente, atual da minha vida, enquanto escrevo este trabalho. Mas, na verdade depois disso é que as histórias aqui começam de verdade; pois, você – leitor, irá dar continuidade a elas, a sua maneira, consciente ou não; sendo este trabalho e a história que conto nele, o final da minha história, em certos aspectos, e o começo da sua, e portanto, da nossa. Pode parecer um pouco maluco, mas quando você se der conta, acontecerá com você, e então, tudo ficará bem mais simples de entender. Eu também dou continuidade a minha própria jornada, de uma maneira que pode parecer estranha, pois o meu passado neste caso dá continuidade ao meu presente. Ué, como assim?

Para contar sobre “- Como -” e “- Por que -” este trabalho foi pensado, tive que parar e refletir um pouco sobre a jornada que me trouxe até aqui. E eis o que eu descobri:

Acontece que este trabalho se iniciou, na verdade, há muito tempo, sem que eu mesma me desse conta. Ele já estava aqui na minha cabeça, de alguma maneira, esperando para sair nesse turbilhão de letras. Agora, vamos com calma, antes que isso vire um confuso furacão de palavras, o que, claro, não é a ideia.

É preciso deixar claro que este capítulo existe para explicar claramente porque tudo nesse trabalho está impregnado dos meus sentimentos, questionamentos e descobertas. É como disse a historiadora e orientadora deste trabalho, Maria Carolina Galzerani (2002), é preciso estabelecer significados entre as palavras e as coisas, entre os conhecimentos narrados e as experiências vividas, entre aquilo que estava dentro e o que estava fora. Afinal este escrito como diz Benjamin (1994,

p.205) “(...) não está interessado em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório.”. Ele está aqui para fazer como um movimento que “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” Para deixar esta obra moldada a minha maneira é preciso que conheçam um pouco mais de mim, desvendando principalmente a trajetória que me trouxe até este trabalho.

Primeiro: para que me fosse exigido fazer um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi necessário, primeiramente, que eu frequentasse um Curso de Graduação. Isso iniciou-se em 2007 quando prestei vestibular, fui aprovada e comecei o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação na Unicamp. Logo que ingressei, o temido tema do TCC parecia sempre me assombrar, não tinha ideia de que área escolher, muito menos a temática mais específica que iria abordar. Foram semestres longos, onde em cada disciplina eu me interessava por algum assunto, mas sempre pensava: - não é isso ainda! Até que comecei a cursar a disciplina de Fundamentos de metodologia do ensino de História e Geografia para as primeiras séries de escolaridade (2º semestre de 2009), no qual a professora Maria Carolina focalizou os contos de fadas e a produção literária da Ruth Rocha, entre tantas outras coisas, como documentos históricos, capazes de produzirem práticas de educação das sensibilidades.

Neste momento meus olhos brilharam e eu então descobri que era por essa linha que gostaria de seguir. Queria dedicar-me a literatura, a ideia de ter que ler e analisar livros que eu sempre gostei (infantis/de fadas/ficções) e fazer disto um trabalho de valor acadêmico, que até então me parecia tão assustador deixou-me aliviada imensamente. E então, estava feito, o tema estava decidido! Eu mal conseguia acreditar que iria conseguir transformar um trabalho que eu tinha certeza que seria maçante e entediante em algo prazeroso; as minhas leituras de cabeceira finalmente teriam valor, seriam reconhecidas academicamente.

Você deve estar meio perdido agora, perguntando-se o que seriam leituras de cabeceira, e porque eu fiquei tão feliz em usar isso na academia. Afinal, estas devem fazer parte da formação de educadores interessados em compreender práticas educacionais mais sutis e mais amplas, não é mesmo? Não, não é! Lemos uma infinidade de autores clássicos, autores modernos e revolucionários, historiadores, sociólogos, psicólogos, antropólogos, pedagogos, além de outros acadêmicos; mas dificilmente, muito dificilmente lemos Literatura, livros infantis ou aventuras de fadas e anões. Mas esse debate será mais profundamente trabalhado no capítulo destinado a literatura, que virá a seguir. Por hora continuamos as minhas histórias, e para que você possa entender melhor, agora eu me conecto a mim mesmo, há alguns anos atrás.

Hoje, ao fazer esta retrospectiva eu percebo que, na verdade, este tema já havia sido escolhido há muito tempo. A minha relação com a literatura, infantil ou não, sempre foi muito forte. Desde criança e até hoje, sempre dividimos o espaço apertado da casa ou do apartamento em que morávamos com muitos livros (falo casa e apartamento porque meus pais são separados, sendo que minha mãe mora em uma casa e meu pai em um apartamento). Os livros mais queridos - no quarto, os mais bonitos - na sala, as revistas e livros curtos - no banheiro, os livros técnicos e grandões - no outro quarto, aqueles que já quase não lemos - na lavanderia, isto é, em todos os cômodos da casa/apartamento temos muitos livros. Essa ocupação literária do espaço, sem ainda falar do tempo, é passado. Os livros e as leituras estavam sempre presentes, de uma maneira ou de outra. Lembro-me até hoje a briga e a dificuldade que tivemos em convencer meu pai a desmontar a biblioteca de seu quarto, afinal ele não podia continuar dormindo em uma rede na sala, enquanto os livros dormiam no seu quarto. Depois de garantir que os livros iriam para um amigo, um velho amigo da família apaixonado e viciado em livros, a biblioteca foi se desfazendo aos poucos, até que meu pai conseguiu, por fim, habitar o seu quarto; mas ainda hoje, anos depois, as roupas se apertam nos armários, visto que muitos são ocupados exclusivamente por livros.

Na casa de minha mãe, todo ano, juntamos algumas pilhas de livros para doarmos a alguma biblioteca, cientes de que conseguiremos livrar algum espaço, mas eis que o ano novo chega e com ele novos livros surgem para ocupar os buracos das estantes, prateleiras e pilhas no chão. Aliás, as pilhas de livros no chão são bem comuns, elas já até seguem uma linha própria de organização. Ora por assunto, ora por autor, às vezes apenas pela ordem de chegada e uso. Essas são apenas umas das histórias que retratam o que quero dizer: falar sobre literatura e livros era necessário! E uma hora ou outra isso iria acontecer.

Minha avó materna, por exemplo, é um exemplo vivo de vício em leitura; ela lê em diversas línguas, o que conseguiu exercitando muito o hábito de ler; além do que, é claro, aposto que faz isso, pura e simplesmente porque não consegue aceitar que existam tantas outras histórias diferentes disponíveis, mas que ela não possa se deliciar porque não domina o idioma; francamente, algo teria que ser feito. Claro que antigamente, como se sabe, outros idiomas como o latim e o francês eram ensinados nas escolas públicas, além do inglês que temos hoje, o que colaborou e muito para suas leituras, e também, como se sabe, ler o livro (qualquer que seja) na versão original é sempre melhor (os tradutores que me perdoem). Ela foi bibliotecária, grande parte da vida, e devora todo livro que pega pela frente, sem qualquer preconceito; é claro que ela tem seus preferidos, como os romances policiais e as grandes histórias de época. Por esse vício implacável ela foi a maior responsável por transmitir a família essa herança genética.

Meu pai e minha mãe são ou já foram professores, de Biologia e Geografia, respectivamente. Este é mais um dos motivos porque sempre tive muitos livros em casa. Não que o fato de ser professor garanta, com certeza, que você seja essencialmente um bom leitor (que goste de ler principalmente); fato esse que sabemos, infelizmente, não ser sempre verdade e, infelizmente novamente, talvez essa ligação seja verdadeira apenas para pequena parte dos docentes; mas este é um assunto que não ousarei abordar aqui. O fato é que, felizmente, no caso dos meus pais a ligação era fato! Agora, estar rodeada por livros não significa que eu lia todos eles, na verdade durante um bom tempo eram outras pessoas que liam para mim.

Lembro-me que toda noite (na década de 90), minha avó ou meus pais liam para nós três (eu e minhas duas irmãs), durante muito tempo foi Monteiro Lobato, os preferidos da minha avó e da minha irmã mais velha (que adorava a sua semelhança com o nariz de Narizinho), depois vieram os do Ziraldo e com ele todos os seus personagens maluquinhos; tinha também Ruth Rocha, com muitos reis que não sabiam de nada*, teve também muito Maurício de Souza, em aventuras e mais aventuras com a turma da Mônica; os contos de fada modernos não poderiam faltar, lemos e relemos todas que viraram filmes do Walt Disney; Pedro Bandeira e sua fábrica de papel, muitas rosinhas e suas canoas, muitos pés de laranja lima e claro - Ana Maria Machado e muitos outros que nos fizeram e fazem companhia até hoje.

Quando não líamos, brincávamos todos de inventar histórias, o que era maravilhoso, pois podíamos expor toda imaginação que exercitamos, ouvindo tantas histórias. Minha irmã mais velha, quando ninguém podia contar histórias ou ler para dormirmos, ela, como era a mais velha, ficava encarregada de imaginar alguma coisa e sempre acabava inventando algo para nos contar; mas é claro que nas suas histórias eu e minha irmã mais nova gostávamos de palpitar e mudar o rumo dos acontecimentos, fato que nem sempre a agradava; quando isso acontecia, ficávamos todas agitadas tentando entrar em consenso sobre como realmente a história aconteceria. As vezes esses exercícios resultavam em muitas ideias diferentes que não se encaixavam em nenhuma única história específica, de maneira que fizessem sentido; mas quem disse que tinha que fazer sentido? Ou seguir esta ou aquela ordem? Afinal, tem história que começa do fim e história que não acaba nunca. As regras não eram o mais importante, a diversão é que era. Lembro até hoje sobre a história das três fadas da floresta, cada uma de uma cor, com um poder diferente que viviam a fazer estripulias florestas a fora. Claro que nessas noites o mais difícil era conseguir dormir de fato.

Não me lembro e por isso não irei contar aqui fatos escolares da minha relação com a leitura, talvez eles não tenham sido significativos o bastante, ou, talvez, porque simplesmente existam coisas que apenas não conseguimos nos lembrar, por maior esforço que façamos. Este fato se encaixa nesta

categoria. Apenas não me lembro de nenhum dia específico, lendo este ou aquele livro, ou então ouvindo alguma professora contar esta história ou aquela; ou, ainda, falando com os colegas sobre livros, não me lembro sequer se havia biblioteca em todas as onze diferentes escolas por onde passei. Talvez pelo grande número de escolas diferentes, a tentativa seja claramente mais trabalhosa e propensa a falha. Portanto, o que me resta concluir em uma análise rápida e particular é que toda relação de afeto criada com a leitura foi forte, mas não exclusivamente, constituída em minha própria casa.

Não me recordo de nenhum caso escolar até a 4ª série, porque, depois no ensino fundamental II eu já havia adquirido uma boa independência com a leitura e conseguia encarar leituras longas e sem ilustrações com facilidade; lembro de muitos momentos de boas leituras em sala de aula. Nesta época (2001), quando tinha doze anos, foi lançado o primeiro livro da saga *Harry Potter*, marco da minha geração e de minhas irmãs. O vício pelas aventuras no mundo dos bruxos logo se firmou e a briga em casa estava formada - quem iria ler primeiro? Ainda bem que nossa prima, outra viciada no órfão bruxo, também comprava os livros e assim podíamos dividir os dois livros, revezando-nos na espera. Mas onde isso se liga aos acontecimentos escolares, mesmo? Ah, sim, é isso que vou contar neste momento. Acontece que Harry Potter foi o primeiro livro que *me lembro* de ter lido na escola, o problema é que não fora indicado pela escola, não estava sequer na lista de recomendados, era apenas um bom e velho companheiro livro de cabeceira que eu, simplesmente, não conseguia parar de ler. Sendo assim, é claro que durante as aulas eu tinha que ler escondido dos professores, capítulo por capítulo, daquela aventura do jovem bruxo que sobreviveu. É claro que não deixava de ler as leituras obrigatórias, como Robison Crusoé, o Auto da Barca do Inferno os livros de Machado de Assis e Guimarães Rosa além de muitos outros, que gostei, e outros que nem tanto.

Talvez você nem tenha percebido, mas acabei de explicar o que entendo por leitura de cabeceira. Só para deixar claro, são todas aquelas leituras que não estão nas listas obrigatórias, e que ninguém lhe diz para ler; são aqueles livros que você lê simplesmente porque gosta da companhia dos personagens e porque adora ir para os lugares e as paisagens que eles conduzem; são aqueles amigos que você escolhe para passear e lhe fazer companhia. Ficou claro agora a diferença? Pode parecer simples, mas não é! Por muito tempo (na adolescência) eu acreditei que eu não era uma boa leitora e que eu não gostava de ler, por quê? Porque havia uns livros que eram considerados ótimos e imperdíveis e então começava a ler e eu, simplesmente, não conseguia sair do primeiro capítulo, tinha que me amarrar em alguma cadeira para ler, contava as páginas para o final, ou, então, quando algumas leituras obrigatórias se tornavam pesadelos e eu me sentia uma pessoa horrível e uma péssima leitora, porque eu, simplesmente, odiava esse ou aquele livro e, confesso, deixei de ler

vários. Hoje eu vejo que isso não faz de mim e nem de ninguém um péssimo leitor, apenas seletivo e que, na verdade, essa ideia de péssimo ou bom leitor não existe e é bastante equivocada; pois isso é o tipo de coisa que não se mensura e ponto. Dito isso, vamos retornar aos acontecimentos que venho contando.

Apenas anos mais tarde eu aprenderia a “técnica” de ler dois ou três textos diferentes, sem me perder. As leituras diferenciadas e concomitantes vieram fortemente no 3º colegial (2006) e na faculdade (2007), onde o volume de leituras obrigatórias era grande, sendo muitas de diferentes matérias; mas, para desespero de meus professores e colegas, eu nunca deixei de lado as leituras de cabeceira, nem perto de provas e avaliações importantes. Meus livros eram minhas companhias e eu descansava das leituras de textos teóricos lendo Literatura. Eu lia e para descansar lia outra coisa e voltava então - a ler. Devo admitir que isso acontece até o presente momento, onde dedico-me as leituras para realizar este trabalho (claro que eu acredito que toda e qualquer leitura contribui de alguma forma para esta produção), mas digo - as leituras teóricas específicas deste trabalho foram acompanhadas, em muitos momentos, por personagens épicos de mundos de dragões, fadas, bruxos, deuses gregos, entre tantos outros presentes em contos de fadas e ficções épicas – meus estilos preferidos.

Dessa forma, esta breve narrativa, tem o objetivo de mostrar como as minhas teias, meus fios e minha história pessoal contribuíram para que eu chegasse aqui, neste trabalho de conclusão de curso, lendo diversos autores, aprendendo diferentes conceitos para compreender um pouco mais sobre aquilo que, na verdade, esteve presente em minha vida toda – a literatura. Analisar e estudar a história da literatura infantil e uma autora tão importante e presente em minha infância fazem deste trabalho ainda mais especial e delicado.

É claro que, no fundo, neste trabalho eu tenho também, um desejo inconsciente de que através desta produção eu consiga convencer ou apenas despertar o interesse de leitores tímidos ao maravilhoso mundo da literatura, quase como um eco distante, mais incessante que diz – Leiam, leiam, leiam, abram os livros e entrem no mundo da fantasia, permitam-se descobrir este prazer da leitura! Porque na verdade é isso que aconteceu comigo, e, por experiência própria, posso dizer que é maravilhoso! Quero compartilhar isso com quantas pessoas eu puder. Talvez esse trabalho seja uma tentativa de apresentar desconhecidos, de ser uma ponte para que duas pessoas (reais ou não) possam se conhecer e talvez criar uma linda amizade, como é o meu caso com tantos e tantos personagens criados e que fazem de outros mundos.

Além, é claro, do desejo bem mais consciente, que tenho de negar e desmascarar, a qualquer custo, conceitos de leitura e literatura, gritantemente diferentes daqueles que eu acredito e faço

questão de escrever um trabalho inteiro sobre isso, falando de como eu penso e de quantos diferentes autores concordam comigo de que existem visões distintas sobre a leitura, a literatura e o entendimento dessas duas. Para mim essas diferenças podem fazer com que alguém abra ou feche os portões que levam ao mundo da imaginação e da literatura, seja ela qual for. Esse desejo consciente é de querer dizer a todos que acham que a literatura não é documento, que ela não é história, que ler é perda de tempo, ou, então, que ficção e mundos da fantasia não valem nada e não passam de histórias úteis para fazer crianças dormirem o quanto antes, que ler é inútil ou até quem acha que leitura é só voltada para os clássicos e literatura de auto-ajuda e, finalmente, aqueles que não gostam de ler porque nunca tentaram por achar que é chato; este trabalho todo e toda a minha vida que me trouxe até aqui estão agora gritando que – Eu não concordo com vocês, para mim nada disso é verdade e vou tentar mostrar a vocês que outras pessoas concordam comigo e que para elas vocês também não são únicos e que se depender de mim, estas concepções cristalizadas poderão vir a ser modificadas.

Daqui para frente irei defender tudo o que disse até aqui, explicando mais a fundo esta e aquela outra questão. Convido então você, agora que já sabe os caminhos que percorri até chegar aqui, a me acompanhar nesta expedição de desbravamento pelas terras literárias.

METODOLOGIA

Viu?! Como se faz!

Elementar, meu caro Watson!
Sherlock Holmes (2006).

Para conseguir entrar neste selvagem cenário, que é este trabalho, foi preciso equipar-me, preparar-me, traçar as rotas, ter claro o destino e a direção para onde seguir. Como em uma expedição de desbravamento, que viaja a lugares desconhecidos e precisa se preparar para isso, em uma pesquisa acadêmica isso também acontece. Foi necessário que eu me situasse no cenário e decidisse, então, para onde ir. Tendo o destino claro fica a tarefa de elaborar o melhor caminho, a melhor forma de se chegar até onde se pretende ir.

Ao situar-se no cenário, no contexto, é preciso ter em mente que:

“A verdade objetiva sobre a sociedade é antes concebida como uma paisagem pintada por um artista e não como uma imagem de espelho independente do sujeito, (...) tanto mais verdadeira será a paisagem, quanto mais elevado o observatório ou onde estará situado o pintor, permitindo-lhe uma vista mais ampla e de maior alcance do panorama irregular e acidentado da realidade social” (LÖWY, 1988).

Desta forma, antes de iniciar a pesquisa foi necessário decidir sobre o que pesquisar, e feito isso, o próximo passo é *como* fazer isto, visto que a teoria é uma ferramenta exploratória do real (THOMPSON, 1981). É neste momento que entramos no debate da metodologia.

Neste trabalho dediquei-me à pesquisa bibliográfica; mergulhando fundo nas leituras, fichamentos e reflexões teóricas, principalmente, a fim de me conectar a uma grande rede de hipóteses explicativas e de garantir subsídios suficientes para a expedição de desbravamento dos documentos; não deixei de lado, é claro, a materialidade das obras os textos, e nos seus contextos historicamente localizados. Isto de maneira interligada, concomitante, não seguindo necessariamente a separação temporal pré-definida, já que o processo de (re)significação e de produção de conhecimento metodológicas e empíricas não segue nenhuma linearidade, tão exata quanto um cronograma.

Nesta maneira não linear de produzir conexões, durante as leituras e as discussões sobre metodologia, a construção do problema da pesquisa e do seu suporte teórico que, fui delimitando e criando um caminho que me fizesse sentido, ficando cada vez mais presente, as minhas escolhas são

produtos da minha personalidade. Já que este trabalho expressa em cada capítulo um pouco daquilo que eu sou. Como diz Machado (1999): “Se falo como mulher, ando como mulher, sinto como mulher, sem dúvida olho o mundo e escrevo como mulher. Mas não sei de que modo essa minha escrita será diferente e não me preocupo em saber, prefiro seguir fazendo o que sempre fiz e lidar com a criação intuitivamente.”

Durante a minha viagem até aqui, encontrei pelo caminho diferentes escolas metodológicas como a positivista, a marxista, a fenomenológica, a marxista-cultural inglesa, a história nova, a histórico-cultural, dentre outras. Não poderiam me acompanhar todas, em alguns casos porque as escolas simplesmente não conseguem se misturar com outras e em outros porque algumas concepções não se encaixam no perfil da expedição; sendo assim, escolhi metodologias que fazem sentido para a minha própria trajetória epistemológica. Segundo Vygotsky (2000) “a procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento (...). Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo.” (p.86).

Após ter sido apresentada a diferentes conceitos metodológicos decidi quem me acompanharia nesta viagem. São as ideias da História Cultural (sobretudo marxista) articulada a Psicologia Histórico-cultural. Dessa forma, pude contar com companheiros como E. P. Thompson, L. Vygotsky, W. Benjamin e Bakhtin, entre outros. Essa aproximação destes autores foi possível, pois eles apresentam, entre outras coisas, métodos de trabalho comuns, pautados, sobretudo no diálogo com o marxismo, no interior do qual a categoria “cultura” é (re)significada, produzindo movimentos criativos, cultura visualizada não apenas como expressão do social, mas, ao mesmo tempo, como instituinte das relações sociais; pois, “É pelo método que se reconhece uma forma de pensar.” (FREITAS, 2005, p. 299). Em suas produções assemelham-se o método na forma como colocam o problema, como articulam as vozes discordantes, como apresentam uma contra-palavra e finalmente a maneira como chegam a uma formulação nova superando as posições criticadas, resguardadas, também, as diferenças significativas existentes entre tais autores.

Desta forma percorro as obras de Machado, sabendo que, como afirmou Benjamin (1984), o método é o caminho indireto, é desvio. Neste desvio sei que não irei encontrar pelo caminho somente heróis e vencedores, mas também pessoas “comuns”, vilões e muitos outros que contribuem para a construção deste cenário, um caminho histórico articulado e dialógico. Porque “as obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade e, assim, não é raro que essa vida (o que sempre sucede com uma grande obra) seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade” (BAKHTIN, 1992, p. 364).

Colocarei em ação a “lógica histórica” que se trata de um “um método lógico de investigação adequado a matérias históricas destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto a estrutura, causação, etc.” (THOMPSON, 1981, p.49). Isto é, lógica capaz de aproximar as hipóteses reflexivas que pretendo eleger – fundadas numa visão histórica marxista cultural, a qual pressupõe que a leitura do documento histórico permita a produção de relações analíticas entre o sujeito pesquisador e objeto, bem como a focalização das relações, muitas vezes, contraditórias, dinâmicas, existentes entre o texto, a autoria, o contexto - da tessitura discursiva ora proposta. Nesta colocação em prática da lógica histórica, movimentarei na relação com a leitura e pesquisa dos textos literários conceitos thompsonianos tais como os de totalidade do social (como relação entre as várias dimensões sociais, tais como economia, cultura, política e sociedade) de base material (que não significa reducionismo economicista), de luta de classes incluindo as “resistências”, não como categoria estática, mas como categoria histórica, voltada para a análise de homens reais, com suas vitórias e fracassos, classe social (como fenômeno econômico, político e cultural), de ser social imbricado à consciência social, de cultura instituída pela sociedade e instituintes da esfera social e de indeterminação do social. Entendendo a história não como uma ordem e, sim, como uma desordem racional, não caótica (THOMPSON, E. P. 1981).

O filósofo Claude Lévi-Strauss (1976 *apud* RIBEIRO E TEIXEIRA, 2009), ao refletir sobre o papel do historiador e os desafios para conseguir trabalhar dentro desta nova lógica histórica, afirma que “O historiador e o agente histórico escolhem, partem e recortam, porque uma história verdadeiramente total os confrontaria com o caos. (...) Na medida em que a história aspira à significação, ela se condena a escolher regiões, épocas, grupos de homens e indivíduos nestes grupos, e a fazê-los aparecer, como figuras descontínuas, num contínuo, bom, apenas, para servir de pano de fundo.”

A separação da Literatura e da História, a criação da fronteira entre as duas áreas nem sempre esteve presente, na verdade ela foi criada no século XIX, pelos positivistas que buscavam a verdade pura e neutra, buscando o fato asséptico, afastaram os discursos “reais” da história e os discursos “ilusórios” da ficção, onde o fato passa a se identificar com a verdade, enquanto a ficção constitui um obstáculo para a busca da verdade da realidade.

A metodologia da História Nova está também presente nesta viagem, pois, ela afronta a história dos positivistas e suas concepções no que se refere a definição dos seus objetos. Métodos e linguagens. Segundo Peter Burke (1992), a visão de mundo implícita na história nova é aquela que não enxerga o mundo e a história através de suas atividades econômicas e sim através de suas culturas, suas sensibilidades e suas mentalidades considerando as relações humanas existentes. “A

base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente construída” (BURKE, p.11).

Dentro destas metodologias, onde a cultura é tão fortemente situada como fator formador facilmente podemos enxergar as contribuições para a focalização do objeto de estudo desta pesquisa – a Literatura, sendo esta um Documento histórico. Mergulhando nessas relações metodológicas é que decidi, nesta trilha, focalizar a materialidade dos textos literários - *Do outro lado tem segredos, Bisa Bia, Bisa Bel e De olho nas penas*, da autora contemporânea brasileira Ana Maria Machado. Tendo em mente o contexto, o lugar, o espaço e a autora que teceu essas três histórias.

Portanto, proponho, metodologicamente, a análise dos textos literários infantis focalizados numa relação íntima entre teorias e empíricas (no caso, literárias, discursivas). Tendo como foco, um recorte, uma escala do real, escolhido, sendo que:

“A realidade social é por demais abrangente e complexa para comportar a pretensão de um verdadeiro e definitivo olhar, a partir de uma abordagem supostamente mais abrangente. (...) a estrutura folheada do social encontra na variação das escalas um recurso de excepcional fecundidade que possibilita que se construam objetos complexos compatíveis com a descontinuidade dos patamares em que se protagoniza a vida social” (REVEL, apud BRANDÃO, 1998, p. 14).

È importante que fique claro, também, a visão presente de Literatura, conceituada por estudiosos do tema, como Candido e Lajolo. Para Cândido (2002) a Literatura é um sistema complexo que se expressa em práticas sociais e que é responsável por movimentar e articular o encontro do público com a obra e com o autor em um conjunto de subsistemas. Um livro é, sem dúvida um objeto cultural. Esta visão metodológica relativa a literatura fica evidente no relato da autora literária Ruth Rocha (1983), quando ela fala sobre o ato de escrever, expondo também, de maneira sutil, o próprio método da sua expressão literária:

“Mais difícil do que escrever ficção é, certamente, escrever sobre a realidade.
Mais difícil do que inventar é, na certa, lembrar, juntar, relacionar, interpretar-se.
Explicar-se é mais difícil do que ser.
E escrever é sempre um ato de existência. Quando se escreve conta-se o que se é.
Parece que se inventa, mas não: vive-se.
Parece que se cria mas na verdade aproveita-se.
A história está dentro da gente(...)
A história é mais real do que qualquer explicação.”

Desta maneira, já exposta a metodologia usada para a produção deste trabalho irei agora movimentar e re-significar as concepções aqui presentes, em uma nova produção de sentidos, dentro de um método dado. Pois “é somente em movimento que um corpo mostra o que é” (VYGOTSKY, 2000, p. 86).

A LITERATURA

Descobrimo outras maneiras de contar o mundo / Os contos que contam o mundo

Cuidado, leitor!
Ao dobrar esta página,
Nada tema: o poeta
É só um sonho do poema.
Vogt, 1985.

A palavra Literatura do Latim *Litteratura*, deriva de *littera* cujo significado é: letra. No dicionário Michaelis (2011) podemos encontrar as seguintes definições para a palavra *LITERATURA*:

1. Arte de compor escritos, em prosa ou em verso, de acordo com princípios teóricos ou práticos. 2 O exercício dessa arte ou da eloquência e poesia. 3 O conjunto das obras literárias de um agregado social, ou em dada linguagem, ou referidas a determinado assunto: *Literatura infantil, literatura científica, literatura de propaganda ou publicitária*. 4 A história das obras literárias do espírito humano. 5 O conjunto dos homens distintos nas letras. *L. amena*: literatura recreativa; beletrística. *L. de cordel*: a de pouco ou nenhum valor literário, como a das brochuras penduradas em cordel nas bancas dos jornaleiros. *L. de ficção*: o romance e o conto (também se diz simplesmente *ficção*). *L. oral*: todas as manifestações culturais (conto, lenda, mito, adivinhações, provérbios, cantos, orações etc.), de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos; parte do folclore.”

Assim, vemos que a Literatura, contemporaneamente, responde por um cenário vasto e rico, com muitas possibilidades. A literatura consiste em uma manifestação artística expressa através do uso e da combinação das letras. “Uma obra literaria é um objeto social muito específico. Para que ela exista, é preciso, em primeiro lugar, que alguém a escreva e que outro alguém a leia.” (LAJOLO, 2001, p. 17). A essência desta arte, portanto, é a escrita, independente da língua e do lugar de exposição, os textos literários existem e foram escritos para serem lidos. Lajolo completa dizendo que “As definições propostas para literatura importam menos do que os caminhos percorridos para chegar a elas” (1995, p. 27) e esses caminhos, essa discussão sobre a literatura consiste em abrir-se ao mundo a sua volta, abrir os olhos e apurar os ouvidos, ficando atenta a toda e qualquer manifestação, seja ela em grandes livros pesados ou em grandes letras pixadas em pontes pela cidade.

Esse combinação de símbolos que resulta na escrita, somada às ideias e à imaginação, à criação humana, transformam o ato da escrita em literatura e, portanto, em arte, já que “o subsolo da arte é um só” (CANDIDO, 2002). A definição desta arte é bastante emblemática e movimentada, como disse Lajolo (1995) “o *ser ou não ser literatura* é assunto que se altera ao longo do tempo e desperta paixões!” (p. 13); mas não é um tema que tenha uma única resposta, um definição exata.

Para isso este capítulo foi criado, para podermos discutir com mais afinco esta temática. A fim de facilitar a discussão, dividi este capítulo em dois subcapítulos, sendo um deles dedicado as possibilidades da literatura e aos conceitos adotados neste trabalho e o outro dedicado a temática da literatura infantil, em uma viagem breve em direção ao seu cenário histórico e aos diálogos que permeiam o tema.

1. Possibilidades da Literatura

Que coisa é o livro? Que contém na sua
frágil arquitetura aparente?
São palavras, apenas, ou é a nua
exposição de uma alma confidente?
De que lenho brotou? Que nobre instinto
da prensa fez surgir esta obra de arte
que vive junto a nós, sente o que sinto
e vai clareando o mundo em toda parte?
Carlos Drummond de Andrade (1974, p.120)

A literatura é a porta de entrada de mundos mágicos, encantados, repletos de histórias e contos imaginários. Os livros são portas mágicas para mundos particulares e são capazes de transportar o leitor do seu momento real até seu próprio mundo encantado. A autora Lajolo (2001, p. 44 -45), sobre a literatura, afirma que “Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação, nem na última tela do hipertexto. Permanece no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um.” Ao que a pedagoga, atriz e escritora brasileira Fanny Abramovich complementa, dizendo que “É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo” (2003).

Quando lemos a imaginação do autor, impressa na materialidade do livro, ela pode ser resignificada e incorporada pelo leitor a sua maneira, para que, então, o mesmo crie sua própria marca na história, ao mesmo tempo, a história o impregne com impressões e rastros de sentidos, em um grande ciclo de produção e movimentação de conhecimento. Segundo Machado (2002):

“Ler uma narrativa literária (como ninguém precisa ensinar, mas cada leitor vai descobrindo à medida que se desenvolve) é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo cotidiano.” (p. 77)

São muitos os autores que escrevem sobre a genialidade, a beleza e a maravilha que é a Literatura e também sobre as suas potências e possibilidades infinitas. Para o francês Michel Certeau (1994), o ato de ler não se resume a junção de letras e palavras, para ele a leitura é prática criativa, produtora de sentidos singulares. Outro autor que escreve sobre o tema é o historiador, também francês Roger Chartier (1996), que defende a especificidade criadora do ato de ler, postulando a pluralidade das leituras e de seus sentidos. Para o autor, a apropriação de um mesmo texto é dada de

modo diferente a cada leitura, pois há a invenção criadora no próprio cerne dos processos de recepção vividos pelo leitor.

Atravessando o oceano, aqui na terra das palmeiras - no Brasil, escritos e depoimentos também não faltam. No cenário nacional, o intelectual Paulo Freire foi um dos que contribuiu para a construção de novas maneiras de se pensar a escrita e a leitura, escrevendo muito sobre o processo de aprendizagem de ambas. Para ele a leitura não podia ser compreendida como um processo passivo. Freire defende que: “O ato de ler não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (1996, p. 11). Nesta pequena introdução, fica fácil identificar diversos autores que afirmam que os livros não se encerram nos limites de seus textos, e sim, que eles ultrapassam esses limites e sempre modificam o leitor de alguma maneira. Um poema do brasileiro Carlos Drummond de Andrade encanta e explicita a afirmação:

“Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?” (Drummond, 1974).

As possibilidades ocultas ou explícitas da literatura são muitas e se relacionam dinamicamente, criando uma relação complexa entre o sujeito (leitor) e o objeto (obra). O autor Candido (2002) compara essa relação enérgica com a vida, dizendo: “Dado que a literatura, como a vida, *ensina* na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta.” (p.83). Essa relação, como diz também Freire (1996), não é e nem pode ser forçada ou artificial, é imprescindível que o sujeito durante o processo seja ativo, disposto a receber e enxergar todas as possibilidades impressas nas páginas escritas, para que a relação seja realmente produtora de movimentações de sentido.

Entendendo que as leituras não se encerram no fechar dos livros e as suas marcas são muitas e distintas, é necessário passar ao próximo ponto que é entender a materialidade da literatura, os livros. O processo de impressão, publicação e divulgação dos livros é também responsável pela forma como as discussões sobre o tema podem ser levadas hoje. Para que existam os livros foi preciso antes a invenção da escrita. Neste processo, como podemos ver no site do MEC (Ministério da Educação), primeiramente surgiram os silabários, conjunto de sinais específicos para representar as sílabas inteiras; os fenícios inventaram símbolos que representavam o som consonantal, em seguida os gregos incorporaram ao sistema fenício as vogais, sendo este o primeiro relato de escrita a partir de uma estrutura alfabética. Os romanos posteriormente adaptaram os códigos dos gregos e criaram o alfabeto greco-romano, precursor do sistema que utilizamos hoje. Ele reúne o menor número de

símbolos que permitem a maior possibilidade combinatória de caracteres, isto é, representação dos sons da fala em unidades menores que a sílaba. A partir desta invenção, os povos que adotaram o alfabeto passaram a escrever seus livros em materiais variados, conforme a disponibilidade, sempre de maneira artesanal e lenta até a invenção da imprensa em 1455 pelo alemão Johannes Gutenberg que para fazer cópias de forma mais rápida e eficiente da Bíblia desenvolveu uma prensa capaz de fazer cópias “rápidas” substituindo o sistema de copistas, revolucionando desta forma o conceito de livro e leitura.

Hoje com impressoras e máquinas velozes capazes de imprimir textos e figuras de alta qualidade em alta velocidade o processo se distanciou muito do artesanal antes existente e possibilitou uma enorme expansão da produção de livros e com isso uma diversificação e difusão do mercado literário. Como diz Lajolo (2001) a Literatura hoje “nem é produzida por umas poucas indústrias ou é escrita por uns poucos escritores que têm o monopólio do mercado e da opinião.” (p. 9) Ela é “produzida por uma indústria tão sofisticada quanto a indústria de alimentos, que oferece molho de tomate para todos os gostos, com coentro ou sem cebolinha, com pedaços grandes ou com creme homogeneizado.” (p. 9).

O livro é cada vez mais um objeto cultural. “A história vivida pela multidão de leitores está sempre presente, no direito ou no avesso do texto.” (LAJOLO, 2001, p.48). O livro não é, portanto, um documento neutro ou imparcial, é como afirma Le Goff (1990) “Nenhum documento é inocente.” (p. 91). Desta forma têm-se a literatura como um documento, não apenas como um reflexo de determinada sociedade, mas como um produto social de um determinado conjunto social. A partir da contribuição da referida autora entendo que, na construção de um livro, muitas práticas culturais e sociais aparecem, tanto da ordem *autoral* (maneiras de escrever, de pensar e de expor/ilustrar o que será escrito) como *editorial* (diferentes impressões, edição e formatação do livro), ou, ainda, *artesanal* (a construção manual do livro na sua materialidade).

É nesse ponto que o debate da literatura pede auxílio aos historiadores, nesta relação muitas vezes conflituosa, onde “a criação literária revela todo o seu potencial como documento, não apenas pela análise das referências esporádicas a episódios históricos ou do estudo profundo dos seus processos de construção formal, mas como uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção.” (SEVCENKO apud PENTEADO, 2001, p. 24-25).

Esta relação entre História e a Literatura foi rompida pelos positivistas que distanciaram os relatos literários das evidências históricas; mas são ligadas, novamente pela tradição da história

cultural que critica fortemente as concepções monolíticas da Cultura, condenando a pretensão de se estabelecer em definitivo relações culturais que seriam exclusivas de formas culturais específicas e de grupos sociais particulares (CHARTIER, 1996). Desta forma, o documento histórico modificou-se; não apenas textos escritos, mas também as representações que a sociedade faz de si mesma, captadas através das mais diversas linguagens - imagens, arquitetura, literatura e tudo o que possa ser identificado como um produto da sociedade que o fabricou, ganharam estatuto legítimo de documento. Como já foi dito muitas vezes neste trabalho a literatura tem como uma de suas possibilidades a de se lida como documento histórico, como retrato social da sociedade em que foi produzida sem deixar de ser lida de maneira prazerosa, como capaz de produzir sentimentos, sonhos, situados na vida presente do leitor.

Para finalizar uma citação da musa inspiradora deste trabalho, Machado falando sobre a literatura e a sua linguagem.

“Literariamente, a linguagem pode ter vários sentidos, para que o leitor invente seus próprios significados. Mas gosto de usá-la sempre de modo transparente. Não para ocultar e velar, mas para revelar.” (MACHADO, apud BASTOS, 1995, p. 50)

2. Literatura “infantil”

Na história procurei não cair em três armadilhas comuns nas histórias infantis de que me lembro: nada de tom piegas ou sentimental; nenhuma referência concreta ao chamado mundo real (é um conto “maravilhoso”); nenhuma distinção precisa entre crianças e adultos.

Graciliano Ramos, 1984.

Dentre os reinos e lugares mágicos existentes no mundo da literatura, existe um que é mais interessante para esta produção ou seja, - O mundo da literatura infantil. O nome “infantil” pode incomodar muitos, e de fato, incomoda se olharmos para ele como um adjetivo excludente e pejorativo. Deixarei claro desde já que o termo “infantil” adotado aqui não é e nem pode ser nenhum dos dois. Como bem escreve Ramos, existem três armadilhas que permeiam o gênero; mas é preciso estar atento e fugir insistentemente para não ser pego, pois, se for pego os danos podem ser irreversíveis.

O termo “infantil” será empregado para facilitar aos leitores entenderem o cenário que pinto. A autora Machado (1981) ajuda dizendo que:

“A gramática ensina que os adjetivos podem ser explicativos ou restritivos. No primeiro caso, referem-se a uma qualidade essencial do ser. No segundo, a uma qualidade accidental. No entanto, se considerarmos o sintagma literatura infantil, essa classificação cai por terra. Evidentemente, não se trata de uma qualidade essencial da literatura que não é infantil. E, apesar disso, paradoxalmente, não se pode dizer que neste caso o adjetivo tem um papel restritivo. A rigor, ele não restringe o sentido do substantivo. Ao contrário, o amplia. Literatura infantil não é aquela que se destina exclusivamente a ser lida pelas crianças, mas sim aquela que pode ser lida também pelas crianças.” (p. 01)

Na definição deste gênero, devemos ter claro que não se trata, portanto, de negar a criança no texto e, sim, convidá-la a nele mergulhar, como um leitor plenamente capaz e, uma vez que essa criança se faça leitora, é impossível ignorá-la, devendo-se tomá-la como um leitor implícito totalmente apto a apreciar o momento de beleza, através da palavra que é a literatura. Para o gênero Literatura “infantil” não tomamos os textos infantilizados, que apresentem concepções de crianças menos capazes que os adultos, e outras ideias que façam menção a um leitor que não seja uma criança inteligente, inventiva e ativa (LAJOLO, 1995).

Poderia também catalogar os livros em divisões como: a “fantasia crítica” e o “realismo maravilhoso”. O primeiro aspecto distingue-se pela presença de fadas, reis e encantamentos, por meio dos quais são tematizados problemas contemporâneos do indivíduo e da sociedade. O segundo distingue-se pelo fato de que a história é tomada da realidade e, num determinado momento, as personagens e o ambiente são deslocados para a fronteira do maravilhoso, permitindo a análise do “conflito por meios nada convencionas”. Porém, no diálogo com as contribuições de Lajolo, prefiro

colocar logo todos os textos imaginários, fantasiosos, realistas e maravilhosos dentro de uma mesma “categoria”, pois as divisões fronteiras entre os países do mundo da fantasia são muito ilusórias como podemos entender no livro - *A história sem fim*, (ENDE, 1997); o fato é que fazem todas parte do mesmo universo e isso é o que no momento nos importa.

Outra armadilha muito comum no gênero é o “pedagogismo” das histórias, (MACHADO) tomando-as sempre como educativas, como instrumento de desenvolvimento de conteúdos escolares, usando o livro apenas para diluir e deixar mais interessante tais conteúdos; perdendo completamente a sua essência artística. O livro, quando é resultado de criação artística, sem estereótipos ou sem preconceitos transforma-se em importante instrumento de formação intelectual e afetiva de nossas crianças, na direção de uma educação das sensibilidades libertadora. Para possibilitar essa formação libertadora e fugir das inúmeras armadilhas é preciso entender literatura como arte, como uma expressão em palavras da alma do artista; é preciso distanciar a mesma de manuais e livros didáticos, deixando que o livro ensine de maneira espontânea e distinta a cada leitura e não que ele seja produzido com o intuito de transmitir este ou aquele conteúdo escolar especificamente. Machado colabora com essa discussão dizendo:

“Escrevo porque gosto. Com meus textos, quero botar para fora algo que não consigo deixar dentro. E escrevo para criança porque tenho certa afinidade de linguagem. Mas não tenho intenção didática, não quero transmitir nenhuma mensagem, não sou telegrafista. Acredito que a função da obra literária é criar um momento de beleza através da palavra. Escrever para crianças talvez seja mais aberto, mais lúdico, mais perto da conotação e da poesia, mais polissêmico. E com certo compromisso com a esperança, que não existe quando se escreve para adultos. Mas basicamente não creio muito que as coisas se dividam entre adultos e crianças”. (Machado apud. Bastos, 1995, p. 49)

O livro para crianças e jovens é um produto cultural e como tal não pode deixar de expressar a sociedade na qual está inserida, com suas contradições, conflitos, resistências e dominações, entendendo como uma dessas influências o interesse do *mercado* literário. Como um produto social, para que se entenda o papel da literatura infantil, é preciso que se situe e conceitue a infância dentro deste social. Em um mundo capitalista contemporâneo a figura da infância detém uma identidade própria distanciando-se das figuras infantis existentes no séc. XV, por exemplo, onde as crianças eram vistas como um adulto em miniatura, com os mesmo direitos e deveres dos adultos. A partir do Século XVII, a criança começa a ser vista como um ser que necessita de um tratamento diferenciado. No Século XVIII pensadores como Jean Jacques Rousseau já apontavam que a criança não é um adulto em miniatura, e, sim, um sujeito que precisa ser tratado de acordo com suas necessidades específicas de sua fases de crescimento. Com o passar do tempo e as mudanças sociais nasce um novo conceito de infância, essa fase da vida passa a ser olhada com mais cautela, onde cada vez mais

os direitos e deveres das crianças distanciam-se dos direitos e deveres dos adultos. Como registra a autora Ruth Rocha (2002):

Toda criança no mundo
Deve ser bem protegida
Contra os rigores do tempo
Contra os rigores da vida

Criança tem que ter nome
Criança tem que ter lar
Ter saúde e não ter fome
Ter segurança e estudar.

Não é questão de querer
Nem questão de concordar
Os direitos da criança
Todos têm de respeitar.(...)

Com vontades próprias, particulares e distintas dos adultos; esse novo conceito de criança ganha até uma legislação diferenciada, sendo, portanto distinta do adulto também perante a Lei - Estatuto da criança e do adolescente - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990). Esse novo papel que a criança passou a ocupar socialmente também trouxe consequências perversas como, por exemplo, o crescimento exacerbado dos produtos criados para o público infantil, vendo nas crianças um forte e grande público consumidor. Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos, e é dependente do sistema econômico capitalista, a literatura infantil assume a condição de mercadoria que tem como público alvo consumidor as crianças.

Esta nova posição da infância leva também a literatura infantil a um novo patamar. A ligação entre literatura e o mercado se fortificam neste ponto - a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. “Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação.” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1985, p.17).

No cenário brasileiro, a Literatura “infantil” contemporânea busca romper com o percurso escolar e o compromisso com uma pedagogia conservadora, que parece sido confinada ao gênero. Este distanciamento da escolaridade levou o gênero ao encontro a

produção de textos autoconscientes, que explicitam e assumem seu caráter de produto verbal, cultural e ideológico. As obras de Machado datadas na década de 1980 são exemplos desta radicalidade mais extrema a que chega o texto infantil brasileiro. É também neste período que o gênero sofre uma grande expansão e difusão, ficando mais fácil detectar tendências e possíveis diretrizes do jovem gênero. O gênero passou a adotar certas características, que, pela frequência com que se fazem presentes, parecem unificar o gênero “infantil”, como por exemplo, a presença da “ilustração”. “Se a literatura infantil se destina às crianças e se se acredita na qualidade dos desenhos como elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro pode exercer sobre os pequenos leitores, fica patente a importância da ilustração nas obras a eles dirigidas.” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1985, p.12).

Bem como a editoração e o texto escrito em si outro fator que compõe o livro infantil, não menos importante é a ilustração. Todo texto quando ilustrado recebe, necessariamente, as marcas das suas ilustrações. A energia, a linguagem, as cores, o clima, a técnica, o imaginário, tudo o que o ilustrador fizer vai alterar e interferir na leitura e no significado do texto. “ Diante do texto literário (= poético), cada um de nós vai ter um *sentimento*, *uma* leitura e *uma* explicação. Imagine, agora, ilustrá-lo. As imagens, tal como o texto, também sairão, necessariamente, creio eu, marcadas pela subjetividade, pela ambiguidade, pela plurissignificação, pelo enfoque poético, pela visão particular e pessoal da realidade. Distinguir livros didáticos de livros de literatura pode ser um excelente começo para se pensar em ilustração de livros.” (AZEVEDO In: SERRA, 1998, p. 108).

Apesar das tentativas de distinção da literatura infantil dos manuais e livros didáticos, o crescimento da produção literária infantil deve-se muito à escola. “A literatura infantil brasileira definiu seu próprio sistema de produção e de circulação de bens culturais, a partir da demanda de um público cativo — o escolar— e do estímulo estatal à empresa privada.” (BORDINI, in: SERRA, 1998, p.44). Com o mercado fortificado, o livro torna-se um produto (mercadoria) com grande valor econômico, o que exige, também, uma qualidade cada vez maior das obras. Neste cenário, para que essas se destaquem diante do montante é preciso garantir a qualidade na escrita, na ilustração, na edição e na impressão. A necessidade de estetização das obras, principalmente infantis, determinou uma melhoria significativa na produção gráfica, com excelentes ilustradores e criações e direção de arte.

Outra característica que, por se fazer presente constantemente, marcou o gênero infantil foram as “séries”, as coleções. Para fidelizar o público ou para acompanhar as fases de crescimento das crianças, como é o caso da série *Mico Maneco* (1983-1988) de Machado, que foi feita acompanhando os diferentes “níveis” de alfabetização das crianças, o fato é que as coleções chegaram para ficar no estilo infantil. No cenário nacional também foram muito comuns as traduções e adaptações dos clássicos estrangeiros. “As séries proporcionaram o *aumento* quantitativo de clássicos adaptados — no geral com fidelidade e ótimo estilo —, colocando o acervo da literatura ocidental ao alcance das mãos dos jovens.” (BORDINI in SERRA, 1998, p. 44)

Depois de trazer a tona um pouco das discussões que permeiam o tema da literatura infantil, é preciso situar o cenário de produções literárias no Brasil. É justamente isso o que farei a seguir.

As primeiras obras publicadas que visavam o público infantil surgiram no mercado livreiro nacional na primeira metade do século XVIII (SERRA, 1998). Eram em sua maioria traduções de obras estrangeiras. É com a publicação da obra: *A menina do narizinho arrebitado*, (1921) que José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada as crianças e aos jovens. Lobato, como grande precursor do gênero no país é reconhecido por uma produção de qualidade e, que pela primeira vez, abordava uma temática relacionada a realidade social do país, como é o caso do “Sítio do Pica Pau Amarelo” que retratava comportamentos, lendas, folclores e características bem brasileiros. Após a fase de estruturação do gênero, com as iniciativas pioneiras e corajosas de Lobato, a etapa seguinte foi um momento de produção intensa, respondendo de modo ativo às exigências crescentes do mercado consumidor em expansão impressionante.

Nas décadas de 60 e 70 a literatura infantil “assumiu traços que a aproximam tanto de uma certa produção literária não-infantil contemporânea, quanto a fazem recuperar o atraso, incorporando conquistas já presentes na literatura não-infantil desde o Modernismo de 22.” (ZILBERMAN e LAJOLO, 1985, p. 159). É a partir do ano de 1973, especificadamente, que o número de títulos editados e publicados dá um salto significativo, como conta Lajolo e Zilberman (1985, p.132): “entre 1973 e 1979, o número de títulos editados no Brasil saltou de 7080 para 13228 e o número de exemplares, de 66 milhões para 249 milhões, acompanhando, progressivamente, a

expansão do ensino médio e superior, sem dúvida responsáveis pelo consumo de tantos livros.”.

Algumas práticas presentes no cenário da literatura nacional podem servir como explicações possíveis para esta expansão, como: “a adoção de livros pelas escolas, visitas de autores e organização de feiras e semanas do livro, beneficiou-se muito da vertiginosa expansão de cursos universitários que, a partir de 70, proliferaram nas cidades médias e grandes.” (idem, p. 132-133). Com as obras em circulação aumentando, o gênero começa a ganhar espaço e respeito, além de novos autores, como é o caso de Machado, antes jornalista, que aos poucos passa a “adotar” o gênero. Com o aumento do número de autores, as reflexões nas obras também crescem. Na década de 80 acontece outro grande marco, onde surgem obras críticas, políticas e reflexivas, que trazem debates sociais para as obras destinadas ao público infantil. Como é o caso dos livros – *O que os olhos não vêem*, *O rei que não sabia de nada* e *O reizinho mandão* da autora Ruth Rocha, os livros – *Do outro lado tem segredos*, *De olho nas penas*, *Bisabia*, *Bisa Bel* e *História meio ao contrário* da Ana Maria Machado entre outros. A produção de livros infantis desta década cresce e consolida-se em termos de mercado editorial, em quantidade e em qualidade de propostas em ficção, poesia e livro de imagens. Do ano 1980 ao ano 1985 são publicados inúmeros títulos que apresentam grande diversidade de autores e também de propostas, consolidando-se no mercado pela qualidade de suas reflexões, como é o caso de Ana Maria Machado.

É nos anos 80 que os autores do gênero começam a sentir necessidade de refletir sobre o papel da literatura infantil e seguem apontando caminhos e é possível detectar tendências, que ajudam a esboçar possíveis diretrizes do gênero. “Paralelamente a essas preocupações, com análise de textos, e crítica sobre a produção e de tecer arcabouços teóricos que dessem conta do objeto literatura infantil e juvenil, vivíamos no país a abertura política, após 20 anos de regime político militar. Isso significa que a opinião própria e a reflexão começam a ser exercitadas.” (BRANDÃO, in SERRA 1998, p. 51).

Ainda como um gênero relativamente novo cada vez mais espaços vão se abrindo para a literatura infantil, dentre todas as suas possibilidades e diferentes formas de expressão. Cada vez mais livros são publicados e estudados, o gênero passou a ser também objeto de pesquisa, como no caso deste trabalho, o que fortifica ainda mais o estilo.

ANA MARIA MACHADO

A estoriadora/historiadora



Ana Maria Machado, 2008.

Sou mesmo contra a corrente. Contra toda e qualquer corrente, a-líás. Contra os elos de ferro que formam cadeias e servem para impedir o movimento livre. E contra a correnteza que na água tenta nos levar para onde não queremos ir. No fundo, tenho lutado contra correntes a vida toda. E remado contra a corrente, na maioria das vezes. Quando as maiorias começam a virar uma avassaladora uniformidade de pensamento, tenho um especial prazer em imaginar como aquilo poderia ser diferente.

Ana Maria Machado, *Contra corrente* (1999, p.7).

Não é possível, como já foi dito, dentro da lógica que este trabalho vem sendo tecido, chegarmos ao capítulo de análise dos livros sem antes conhecer a autora, por trás, pela frente e por dentro dos livros. As suas obras contam um pouco de quem é ela, claro, mas é preciso saber como ela chegou a sua brilhante carreira de escritora, que já adiante, foi consequência de uma carreira brilhante como leitora. Os fatos, dados e causos narrados sobre sua vida e obra foram extraídos, todos, de muitos textos seus. As principais fontes foram suas obras biográficas, sendo elas – *Esta força estranha* (1996), *Contra corrente, histórias sobre leituras e política* (1999), e sua *biografia* e seu *caderno de notas* encontradas em seu *site* pessoal (www.anamariamachado.com.br). Talvez por isso, em alguns momentos o texto possa parecer íntimo e pessoal, mas já aviso, caro leitor, que se trata de expressões e causos descritos e contados pela própria autora a seu modo, e, portanto, acho que seria injusto contá-los a vocês, fugindo da riqueza do estilo e da forma que a autora usa ao contar sua própria trajetória.

TRAJETÓRIA

Escrever é um ato solitário, um momento individual de expressão, uma trajetória particular e única de quem escreve.
Ana Maria Machado, 1999.

Nascida no bairro de Santa Tereza no dia 24 de dezembro de 1942, na cidade do Rio de Janeiro, é carioca, descendente de portugueses e brasileiros da roça. Primeiro foi filha, foi irmã e foi ouvinte de muitas histórias do pessoal de Manguinhos, um povoado de pescadores a 30 km da capital do Espírito Santo. Passou a infância e a adolescência rodeada por livros, e esteve sempre mergulhada em alguma leitura, já que antes de completar cinco anos já havia aprendido a ler – sozinha! Aos doze anos já tinha feito sua estréia literária, publicando para a revista *Folclore*; mas, se perguntassem nesta época o que ela queria ser a resposta seria – estrela do cinema! Ela diz que nunca sonhou em ser escritora, apesar de viver escrevendo o tempo todo, por toda a vida. Como ela mesma diz: “Podia até não saber que queria escrever. Mas sabia que gostava de ler.” (1996, p.36).

Foi no vestibular que nós - leitores fanáticos e conhecedores da escritora brilhante podemos até estranhar sua escolha - ela ficou em dúvida entre Arquitetura e Química, escolhendo, por fim Geografia. Após longos cálculos de eixo de cristalografia, trancou sua matrícula em setembro. Foi para Nova Iorque fazer curso de Arte Moderna e História da Arte. Ao retornar para o Brasil, entrou para a Faculdade de Filosofia, para estudar língua e literatura. Entre aulas de latim na escola americana e algumas pinturas, acabou sentindo-se cheia de palavras na cabeça; e, para a angústia de seu pai repórter, decidiu, as escondidas, seguir a carreira do pai e escrever para o *Correio da Manhã*, bem como os outros três irmãos. Para eles o discurso do pai foi o mesmo: “Quem acha que a gente pode abrir mão da autonomia, não entende de caráter, então não adianta argumentar. A pior coisa para um jornalista é se agarrar ao cargo, ter medo de perder o emprego. Quem acha que pode baixar a cabeça só um pouquinho, que isso não faz mal, é porque não sabe o que é cabeça erguida” (MACHADO, 1996, p.42).

A filha logo aprendeu a lição, como podemos perceber ao ler seus escritos. Afinal, a criticidade é uma das fortes marcas da autora em suas obras; como descobriríamos a seguir.

Nessa época (década de 60) no Brasil a criação artística estava a todo vapor, assim como as discussões na UNE (União Nacional do Estudante) e no CPC (Centro Popular de Cultura). Em 1964 com o golpe militar, Machado se viu envolvida em diversas atividades clandestinas, escondeu amigos da ditadura, namorou o presidente do centro acadêmico, posteriormente, exilado. Em meio a esse cenário conturbado, largou o namorado, terminou o mestrado e conheceu o médico Álvaro Machado, pai de seu primeiro filho Rodrigo. Foi morar com ele em São Paulo onde trabalhou muito, revezando-se entre o magistério e a tradução. Foi nesse momento que Ruth Rocha, outra expressiva escritora brasileira, entrou em sua vida, como sua cunhada e amiga para a vida toda. Em 1968, Álvaro volta ao Rio para a pós-graduação e com ele sua família. Ana Maria continua lecionando, mas, desta vez na Faculdade de Letras.

Envolvida até as orelhas na resistência a ditadura, lecionou de maneira revolucionária até que no final de 1969 foi presa e teve que vender tudo e sair do país. Levando na bagagem os rascunhos e rabiscos de sua tese de Doutorado e algumas histórias infantis. Sem nenhuma explicação singular, Machado diz que a situação que deu o ponta-pé inicial, por assim dizer, na sua carreira de escritora de obras infantis, foi uma ligação da Revista *Recreio*, que procurava escritores competentes mas que nunca haviam escrito para crianças, para, segundo eles - evitar qualquer tipo de *nhenhêném*. Ao saber que Ruth Rocha já havia topado, embarcou nessa jornada.

A revista *Recreio* fez enorme sucesso, pois, em suas histórias os leitores podiam ver uma “resposta a uma carência que sentiam e ninguém ainda havia detectado: a de textos bem brasileiros, com qualidades literárias, falando de questões importantes da atualidade, e que pudessem ser lidos com prazer pelas crianças e, ao mesmo tempo, que divertissem.” (MACHADO, 1996, p.60). Estes escritos foram decisivos para que, anos mais tarde, Ana Maria optasse pela vida de escritora.

Lutando pela sobrevivência, em terras estrangeiras (França), trabalhou duro como jornalista, como mãe, como escritora e como pesquisadora – concluindo sua tese de doutorado orientada por Roland Barthes sobre Lingüística e Semio-logia; tese esta que resultou no livro *Recado do Nome*, que trata da obra de Guimarães Rosa. Suas obras infantis viriam como maior força, agora que nascera seu segundo filho Pedro, em 1971 na França. A sua primeira grande série infantil *Mico Maneco*, grande sucesso até os dias de hoje, foi desenvolvida justamente neste período, segundo ela para alfabetizar seu filho em português, para que ele, mesmo vivendo no exílio, não perdesse suas origens.

Em dezembro de 1972, após o duro período de exílio, Machado e sua família puderam voltar a terra das palmeiras, onde canta o sabiá. Ainda trabalhando como jornalista, passou a chefiar o rádio jornalismo do *Jornal do Brasil*. Também deu continuidade, de maneira tímida, ao trabalho de escritora, publicando seu primeiro título infantil que escreveu, em 1978 – *Uma história meio ao contrário*; que recebeu o Prêmio João de Barro, o Prêmio Jabuti e estava na lista dos Melhores do Ano). Em 1975 divorciou-se de Álvaro.

Entrando cada vez mais no universo da literatura infantil, ao procurar um livro para comprar para sua sobrinha, constata a falta de opção e a baixa qualidade dos livros infantis brasileiros publicados; decidiu, então, criar uma livraria especializada em literatura infantil no Rio de Janeiro, a *Malasartes*, onde ficou por longos anos. Mesmo com outros projetos se desenvolvendo, ainda seguia com sua carreira de jornalista, mas, foi em 1980 que, após um pedido da direção para que ela demitisse metade da sua redação ela decidiu, enfim, abandonar o navio e mergulhar fundo na vida de escritora. “A leitura não é apenas uma porta para mundos mágicos e maravilhosos, é também uma ferramenta de sucesso.” (MACHADO, 1999).

Ela também se aventurou como empresária do mercado editorial, tornando-se por algum tempo, sócia da Quinteto Editorial. Machado vem, há vinte e cinco anos, participando de eventos, a fim de promover e incentivar a leitura e fomento do livro, dando também consultorias em seminários da UNESCO em diferentes países e futuramente ocupando a cadeira da vice-presidência da IBBY (*International Board on Books for Young People*).

É a partir deste momento que começamos a nos deparar com a escritora e contadora de histórias que conhecemos hoje. Ana também concilia a vida de escritora com uma agitada vida pessoal, casando-se pela segunda vez, desta vez com um músico, – Lourenço Batista; e em 1983 nasce a filha caçula Luísa, resultado desta união. De 1986 a 1988, Ana e sua família decidem voltar as raízes e deixam a cidade grande e vão de mala e cuia para uma casinha pequenina em Manguinhos. Alguns anos depois é presenteada com dois netos maravilhosos: Henrique em 1996 e Isadora em 2000.

Formada em Letras, Doutora em Literatura, aluna dedicada na carreira de leitora e apaixonada por escrever, assume deliberadamente a escolha que mudaria sua vida. Escrevendo um título premiado, seguido de outro ainda mais premiado, ela concretiza a carreira de escritora, que havia começado anos atrás, sem que ela se desse conta. Sobre

a escolha e a nova carreira, Machado declara “Escrevo porque gosto da língua portuguesa, gosto de histórias e conversas, gosto de gente com opiniões e experiências diferentes, gosto de outras vidas, outras ideias, outras emoções, gosto de pensar e imaginar.” (1996, p. 44). Mais recentemente também revela “Não tenho compromisso com mensagem. Meu objetivo é contar uma história. Isso significa transmitir uma perplexidade, uma procura de sentido, perguntas e dúvidas. Não conheço história que não seja assim, para qualquer idade.” (MACHADO, 2005).

Foi no ano 2000 que Machado declarou ter recebido sua maior surpresa; por ter sido eleita por um júri internacional, sem nenhum brasileiro, simplesmente a melhor autora do mundo, recebendo o prêmio *Hans Christian Andersen*, concorrendo com o conjunto da sua produção literária infantil, na mesma categoria dos autores que tinham os adultos como público alvo. No dia 29 de agosto de 2003, poucos anos depois, aconteceu a cerimônia de posse para ocupar, nada menos que a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, substituindo o Dr. Evandro Lins e Silva. O fato foi consequência da premiação que recebeu em 2001, o maior prêmio literário brasileiro – o *Machado de Assis*, pelo conjunto de sua obra; foi ela a primeira pessoa a entrar para a Academia Brasileira de Letras pelo reconhecimento de obras voltadas para o público infantil.

Relação da produção literária de Ana Maria Machado

Uma vida traduzida em livros

A relação de livros, a seguir, é referente a produção literária da autora Ana Maria Machado no gênero literário – “infantil”, não estão na relação os livros de outros gêneros, por motivos de relevância para o trabalho. As obras estão listadas de acordo com a data da publicação da sua primeira edição, porém, em alguns casos os ilustradores são da última edição lançada, como é o caso dos livros mais antigos, datados de 1977 a 1984 principalmente, visto que muitas destas obras só estão disponíveis nas edições atuais. Através destas informações disponíveis no quadro a seguir, foi possível adentrar e conhecer ainda mais a fundo a autora, entendendo melhor a sua produção, acompanhando sua trajetória como escritora e traduzindo a sua vida em livros.

Legendas:

*FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

*APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte

ANO	TÍTULO	EDITORA	ILUSTRADOR (A)	PRÊMIO (S)
1977	Bento-que-bento-é-o-frade	Salamandra	Cláudio Martins	(Altamente recomendável, FNLIJ)
1977	Camilão, o comilão	Salamandra	Fernando Nunes	
1977	Curupaco Papaco	Salamandra	Cláudio Martins	
1977	Severino faz chover	Salamandra	Graça Lima	
1979	História meio ao contrário	Ática	Renato Alancão	(Prêmio João de Barro; Prêmio Jabuti; Melhores do Ano)
1979	O menino Pedro e seu boi	Ática	Alexandre rampazo	(Altamente

	voador			recomendável, FNLIJ; Lista de Honra do IBBY)
1979	Raul da ferrugem azul	Salamandra	Rosana Faría	(Selo de ouro, FNLIJ)
1980	A grande aventura de Maria Fumaça	Salamandra	Suppa	
1980	Balas, bombons, caramelos	Antares	Elizabeth Teixeira	
1980	O elefantinho malcriado	Nova Fronteira	Elizabeth Teixeira	
1980	Bem do seu tamanho	Salamandra	Marilda Massarani	(Prêmio Fernando Chinaglia; Altamente recomendável, FNLIJ)
1980	Do outro lado tem segredos	Paz e Terra	Antonio José do Espírito Santo	
1980	Era uma vez três	Berlendis		(Prêmio APCA)
1980	O gato do mato e o cachorro do morro	Ática	Janine Decot	(Melhores do ano pela biblioteca nacional da Venezuela)
1980	O natal de Manuel	Nova fronteira	Carla Nazareth	
1980	O domador de monstros	EBAL	Suppa	
1981	Ah, Cambaxirra, se eu pudesse	FTD	Graça Lima	
1981	De olho nas penas	Salamandra	Gonzálo Cárcamo	(Prêmio Casa de las Américas – Cuba; Melhor livro infantil, APCA; selo de ouro, FNLIJ)
1981	Palavras, palavrinhas, palavrões	Quinteto	Jótah	(Prêmio APPLE – Suíça)
1981	História de jaboti sabido com macaco metido	Quinteto	Graça Lima	
1982	Bisa Bia, Bisa Bel	Salamandra	Regina Yolanda	(Prêmio maioria Crefisul; Melhor livro infantil, APCA; selo

				de ouro, FNLIJ; prêmio Jabuti - melhor ilustração; prêmio noroeste pela Bienal de São Paulo; lista de honra, IBBY)
1982	Era uma vez um tirano	Salamandra	José Carlos Lollo	
1982	O elfo e a sereia	Ediouro	Elma	
1982	Um avião, uma viola	Formato	Mariângela Haddad	(Altamente recomendável, FNLIJ)
1983	Hoje tem espetáculo	Nova Fronteira	Gerson Conforto	(Prêmio Dramaturgia Infantil, fundação Guairá)
1983 – 1988	Série: Mico Maneco	Salamandra	Claudius	
1983	Um passarinho me contou	Nova Fronteira	Lúcia Brandão	
1983	Praga de Unicórnio	Nova Fronteira	--	
1984	Alguns medos e seus segredos	Nova Fronteira	Alcy Linares	(Altamente recomendável, FNLIJ)
1984	Gente, Bicho, Planta: o mundo se encanta	Nova Fronteira	Maurício Negro	
1984	Mandingas da Ilha Quilombola	Nova Fronteira	--	
1984	O menino que espiava pra dentro	Nova Fronteira	Alê Abreu	
1985	A jararaca, a perereca e a tiririca	Quinteto	Graça Lima	
1985	O pavão do abre e fecha	Melhoramentos	Anna Göbel	
1985	Quem perde ganha	Nova Fronteira	Cris Eich	
1986	A velhinha maluquete	A Livro Técnico	Rogério Borges	
1986	A menina bonita do laço de fita	Melhoramentos	Claudius	(Menção honrosa do Prêmio Bienal de são

				Paulo)
1986	O canto da praça	Salamandra	Alexandre Coelho	(Altamente recomendável, FNLIJ; Prêmio Bienal de São Paulo)
1986	A Peleja	Berlendis	-	(Prêmio Jabuti)
1990	Uma vontade louca	Nova Fronteira	Ana Maria Moura	(Altamente recomendável, FNLIJ)
1992	Mistérios do mar Oceano	Nova Fronteira	Rogério Soud	(Altamente recomendável, FNLIJ)
1992	Na praia e no luar, tartaruga quer o mar	Ática	Biry Sarkis	(O melhor livro informativo, FNLIJ)
1992	Vira-vira	Quinteto	--	
1993	Série: Adivinhe Só	Melhoramentos	Claudius	
1993	Um Natal que não termina	Salamandra	Miadaira	
1993	Dedo mindinho	Moderna	Rogério Borges	
1994	O gato Massamê e aquilo que ele vê	Ática	Semírames	
1994	Explorando a América Latina (Belitha Press, London)	Ática	-	
1994	Isso ninguém me tira	Ática	Maria Eugênia	(Altamente recomendável, FNLIJ)
1994	Dorotéia, a centopéia	Salamandra	Eva Furnari	
1995	O touro da língua de ouro	Ática		
1995	Uma noite sem igual	Ediouro	Fernando Nunes	
1995	A arara e o guaraná	Ática	Mariângela Haddad	
1996	De fora da Arca	Salamandra	Laurent Cardon	(Prêmio Cocori, Costa Rica; Prêmio UBE)
1996	Gente como a gente	Ediouro	--	
1996	Série: Batutinha	Salamandra	Victor Tavares	
1996	Beijos Mágicos	FTD	Rogério Coelho	(Prêmio Espace Enfant, Instituto Jean Piaget)

1996	Um dia desses	Ática	Lula	
1996	Era uma vez três	Berlendis	Volpi	(Prêmio APCA)
1996	Maria Sapeba	Ática	Marilda Cassandra	
1996	Quem me dera	Ática	Mariângela Haddad	
1997	Amigos Secretos	Ática	Laurent Cardon	(Altamente recomendável, FNLIJ)
1998	Avental que o vento leva	Ática	Helena Alexandrino	
1998	Os anjos pintores	Berlindis	Ana Rita Bueno	
1998	O segredo da oncinha	Moderna	Rogério Borges	
1998	Não se mata na mata: lembranças de Rondon	Mercuryo Jovem	Maria Inês Martins	
1999	O besouro e Prata	Ática	Rosana Munhoz	
1999	A galinha que criava um ratinho	Ática	Mariana Massarani	
1999	Mas que festa!	Nova Fronteira	Graça Lima	
1999	Fiz voar meu chapéu	Formato	Ze Flávio Teixeira	(Prêmio Jabuti; Altamente recomendável, FNLIJ; Hors Concours, FNLIJ)
2000	A maravilhosa Ponte do meu irmão	Nova Fronteira	Rogério Borges	
2000	Tapete Mágico	Ática	Rui de Oliveira	
2001	Brincadeira de sombra	Global	Marilda Cassandra	
2001	Maré alta, maré baixa	Global	MarildaCassandra	
2001	O menino que virou escritor	José Olympio	Ciro Fernandes	(Altamente recomendável, FNLIJ)
2002	A cidade: arte para as crianças	Grupo Velox	Alejandro Xul Solar	
2002	Dia de chuva	Salamandra	Nelson Cruz	(Altamente recomendável, FNLIJ; Hors Concours, FNLIJ)
2002	Histórias à Brasileira 1: A	Companhia das	Odilon Moraes	(Altamente

	Moura Torta e outras	Letrinhas		recomendável, FNLIJ; Prêmio Figueiredo Pimentel)
2002	Eu era um Dragão	Global	Marilda Cassandra	
2002	De carta em carta	Salamandra	Nelson Cruz	(Prêmio Ofélia fontes, FNLIJ; Altamente recomendável, FNLIJ)
2002	Do outro mundo	Ática	Lúcia Brandão	
2003	Abrindo Caminho	Ática	Elizabeth Teixeira	(Altamente recomendável, FNLIJ)
2003	O Jogo do Vira-vira	Formato	Mariângela Haddad	
2003	Jeca, O tatu	Ática	Maria Eugênia	
2003	Portinholas	Mercuryo Jovem	Luísa M. Baeta Bastos	(Altamente recomendável, FNLIJ)
2003	Pimenta no Cocurutu	FTD	Roberta Weigand	
2003	Uma boa cantoria	FTD	Roberta Weigand	
2003	O barbeiro e o coronel	FTD	Roberta Weigand	
2004	Meu reino por um cavalo	Global	Santana, Dave Paraguassu, Maur	
2004	Histórias à Brasileira 2: Pedro Malasartes e outras	Companhia das Letrinhas	Odilon Moraes	(Altamente recomendável, FNLIJ)
2004	Cadê meu travesseiro?	Salamandra	Denise Fraifeld	
2004	Que lambança	Salamandra	Denise Fraifeld	
2004	Quenco, o Pato	Ática	Alcy Linares	
2004	Gente bem diferente	Quinteto	Fabiana Egrejas	
2004	Palmas para João Cristiano	Mercuryo Jovem	Maria Inês Martins	
2004	O príncipe que bocejava	Nova Fronteira	Graça Lima	
2004	Série: Lê pra mim	FTD	Diversos	
2005	Ponto de Vista	Melhoramentos	Ziraldo	
2005	O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de	Mercuryo Jovem	Cândido Portinari	(Altamente recomendável, FNLIJ;

	Dom Quixote de la Mancha			Prêmio Figueiredo Pimentel)
2005	Delícias e gostosuras	Salamandra	Denise Fraifeld	
2005	Vamos brincar de escola?	Salamandra	Denise Fraifeld	
2005	Procura-se lobo	Ática	Laurent Cardon	(Prêmio Ofélia Fontes; Altamente recomendável, FNLIJ)
2006	Beto, O carneiro	Salamandra	Fernando Nunes	
2006	Clássicos de Verdade: Mitos e Lendas greco-romanos	Nova Fronteira	Thais Quintella de Linhares	(Altamente recomendável, FNLIJ)
2006	O distraído sábio	Salamandra		
2006	A princesa que escolhia	Nova Fronteira	Graça Lima	(Altamente recomendável, FNLIJ)
2006	Ponto a ponto	Companhia das Letrinhas	Christine Röhrig	(Altamente recomendável, FNLIJ)
2007	Um gato no telhado	Salamandra	Victor Tavares	
2007	A velha misteriosa	Salamandra	Marilda Cassandra	
2007	Os três mosqueteiros	Nova Fronteira	Sandro Dinarte	
2008	ABC do Brasil	SM	Gonzálo Cárcamo	
2008	Histórias à Brasileira 3: O Pavão Misterioso e outras	Companhia das Letrinhas	Odilon Moraes	
2008	Mensagem pra você	Ática	Cris Eich	
2008-2009	Série: 7 mares	Moderna	Igor Machado e Luiza Rezende	
2009	Essa casa é minha	Moderna	Elizabeth Teixeira	
2009	A minhoca da sorte	Moderna	Elizabeth Teixeira	
2009	Um pra lá, outro pra cá	Moderna	Elizabeth Teixeira	
2009	Amigo é comigo	Global	Dave Santana e Maurício Paraguassu	

TRÊS ESCALAS DA JORNADA

Conhecendo a fundo os destinos da viagem

Pois os livros são perguntas, mais que respostas.
Ana Maria Machado, 1996.

Antes de chegarmos às análises, é importante que fique claro quais são as lentes que foram utilizadas, pois, é a partir dessas lentes que as obras serão vistas. Acredito ser imprescindível a você, leitor, ter claro o lugar, o tempo em que eu lhes falo, para que entenda a análise em si, por isso a importância do contexto que me trouxe até aqui, até este capítulo final.

Foi levado em consideração as sensibilidades que as obras são capazes de despertar, como uma maneira de problematizar a racionalização instrumental ou técnica. Entendo que é preciso sentir e racionalizar, conjuntamente, para que se possa ter uma visão mais ampla de como as obras são capazes de nos tocar em nossos diferentes universos, fugindo de uma análise extremamente racional e fria. Desta forma meu olhar focou principalmente como a obra me tocou sensivelmente essa relação com a compreensão racional mais alargada (sob o ponto de vista temporal) dos indícios dos textos.

Algumas questões chaves que irão nortear as três análises, são perguntas essenciais para a compreensão da produção: Qual é o público alvo desta obra escolhida? Qual a relevância da obra em seu contexto? Qual a fonte de inspiração da autora para a produção? Quais as conexões da produção com o momento em que a obra é produzida? Quais são as possibilidades de interpretação presentes no livro como um todo? Quais sentimentos e sensibilidades que são despertadas pela leitura? Essas e outras perguntas não param de surgir e se multiplicar, a cada nova leitura dos documentos, as respostas não são certas ou únicas e sim: múltiplas e infinitas.

As obras foram vistas em sua totalidade, o autor, o contexto, a editora, o (a) ilustrador(a), um ponto da análise das obras é, sem dúvida, a ilustração. Afinal, “é impossível negar que todo texto ilustrado vai, necessariamente, receber interferência de suas ilustrações. A linguagem, as cores, o clima, a técnica, o imaginário, tudo o que o ilustrador fizer vai alterar e interferir na leitura (e no significado) do texto.” (AZEVEDO, 1998, p. 108). Dessa forma algumas perguntas chaves são direcionadas a iconografia devido a sua evidente importância como explicita também o historiador Gay

(1988), ao dizer: “Ilustrações não são apenas iconográficas, não sofrem de tentadoras simplificações”.

Olhar sensível e integralmente para a obra amplia as suas possibilidades de análise como documentos históricos. Para iniciar a análise foi necessário, primeiramente, escolher entre *Miguel, Bel e Bino* – protagonistas das obras. Busquei, então, um critério de escolha para ordenar as análises. A ordem estipulada será cronológica, sendo “Do outro lado tem segredos” a primeira das três a ser escrita pela autora em 1980, “De olho nas penas” em 1981 e encerrando “Bisa Bia, Bisa Bel” escrita em 1982. Todas estão anexadas na íntegra ao final deste trabalho.

A obra *Bisa Bia, Bisa Bel* trabalha principalmente com o universo pessoal, a trajetória de *Bel* acontece dentro dela própria em uma viagem às suas memórias e ao seu passado; já em *Do outro lado tem Segredos, Bino* o Benedito, o filho de pescador busca os segredos de um povo que mora do outro lado do oceano aparentemente distante dele e de sua história, apresentando assim uma trajetória de dimensão mais social na maior parte do livro. Em *De olho nas penas, Miguel* desvenda segredos próprios da sua vida pessoal ao mesmo tempo em que desvela mistérios dos povos que vivem nos rios, montanhas e savanas, fazendo uma mistura dos dois universos, pessoal e social; ou seja, lembro que em todas as obras estes dois universos não são apresentados de maneira alguma dicotômicos, estão presentes sempre nas obras, mais, outra menos.

Em todas as suas obras é possível observar uma tênue fronteira entre ficção e realidade; durante a estória, além disso, memória e história entrecruzam-se ficando difícil encontrar em que ponto começa uma e termina outra. O discurso chamado história e o discurso chamado literatura são próximos, dialogam entre si, são linguagens que dão significado ao mundo. Mas, enquanto a História é um discurso representativo da realidade, e dela não se separa pela verossimilhança, desvelando, assim, sua relação intrínseca com o acontecido, a literatura, embora parta das relações humanas, é fruto de uma criação ficcional, movida pela subjetividade do artista. As análises aqui propostas, portanto, articularão e revelarão esses indícios de experiência presentes no discurso literário, ou ainda, indícios de histórias vividas, que são contadas a partir da memória (das visões relativas ao tempo, vividas por ela, na relação com a história disciplinar acadêmica) e da imaginação. Neste sentido, a produção literária focalizada é investigada enquanto documento histórico.

Ao delimitar e apresentar as três obras de Machado, espero que fique claro o mundo de possibilidades que elas oferecem e de certa forma também agucem a curiosidade e instigue você, leitor, a iniciar a leitura das obras, sendo este trabalho um belo convite à leitura.

Segundo Lajolo (1985), estas obras fazem parte de uma linha contemporânea dentro da literatura infantil, que retira dos livros infantis o compromisso com a história oficial, com os heróis pátrios e com os conteúdos escolares mais ortodoxos. Revelam uma preocupação educativa, comprometida com outros valores, menos tradicionais e acredita-se, libertadores. A renovadora literatura infantil do final dos anos 1970 e começo dos anos 80 acabou por assumir traços de uma certa produção literária não-infantil contemporânea, que a faz recuperar o atraso, incorporando as conquistas já presentes na literatura não-infantil desde o Modernismo da Semana de arte de 22. Nesta fase de produção contemporânea é evidente que a imagem da criança representada nas narrativas de Machado, condiz com a imagem que a própria autora faz de si mesma e de sua própria infância, sua trajetória de vida e de criação estética, que são exploradas e representadas de diferentes formas em múltiplas obras. Machado e outros autores como Ruth Rocha que produz obras importantes nessa época, ficaram conhecidas pela crítica política e social que levavam aos livros infantis.

Sobre as colocações e críticas feitas as suas obras, Machado em seu *site* diz:

Os críticos em geral dizem que eu escrevo com uma visão crítica, sobre temas como a rebeldia, o combate ao autoritarismo, a ética, a fome de justiça... Mas do meu ponto de vista não é bem assim: eu acho que cada vez estou querendo contar uma história diferente, acontecida comigo mesma ou com gente que eu conheço, e transformada pelas coisas que eu sonho ou imagino a partir daí.

Machado, ainda em publicações do seu *site*, completa dizendo que os motivos que a levam a escrever, não apenas as obras aqui presentes, mas todas que ela escreve, são inspiradas por duas coisas basicamente, ela diz: “escrevo sempre a partir de duas coisas: o que eu lembro e o que eu invento. Memória e imaginação são as duas grandes fontes do que eu faço.” Ainda sobre suas fontes de inspiração e métodos da sua produção ela diz: “Acho que um livro começa muito antes da hora em que a gente senta para escrever. É um jeito de prestar atenção no mundo, em todas as coisas, nas pessoas, e ficar pensando sobre tudo”.

Agora neste ponto, já estamos com a viagem marcada, conhecemos nosso destino, o passaporte já está carimbado; falta apenas embarcarmos nesta aventura com parada no mundo da literatura com três escalas previstas na rota. São estas três paradas que poderemos conhecer melhor.

Do outro lado tem segredos

Uma jornada pelos mistérios do além mar

Como prometido, após um longo caminho percorrido até aqui, chegamos, finalmente à primeira parada da viagem. Todos são convidados a desembarcar e desfrutar desta aventura que nos leva às nossas origens e relembra a história de um povo que atravessou o oceano. Benedito, nosso guia nesta viagem é um menino curioso que busca saber o que havia do outro lado do mar, em uma tal de África; ele queria desvendar os segredos lá existentes, e, para isso, nos leva em uma busca.

Esta obra de Ana Maria Machado, lançada em 1980, é uma das obras infantis pioneiras da autora. Editada pela Editora Paz e Terra, a obra teve em sua primeira edição a ilustração de Antonio José do Espírito Santo, que atou na produção desta obra de maneira tocante, com ilustrações fortes e claramente marcadas pela presença do negro, por seus traços e características específicas. Vinte e cinco anos (2005) depois a obra foi reeditada, agora pela Editora Nova Fronteira, e ganha novas ilustrações de Guto Lins muito mais festivas e leves, focando objetos e recortes de paisagem, sem a presença da figura do negro, como ocorrera na primeira edição.

Do outro lado tem segredos faz uma grande referência ao oceano e conseqüentemente às população caiçaras que têm no mar a sua principal fonte de sobrevivência. Isso é expressão da experiência pessoal da autora que tem uma relação especial com o mar e com as vilas caiçaras, como ela relata na segunda edição da obra (2003):

“Ao escrever este livro, parti de lembranças muito concretas de minha infância no litoral do Espírito Santo. E também da observação de pessoas e coisas que continuavam existindo por lá naquele momento. Vários dos personagens existiram de verdade - a começar por meu amigo Bino, Benedito, filho de pescador, que ficava sentado na praia olhando o mar para avisar quando os cardumes de peixes se aproximavam e era hora de jogar a rede. Algumas das conversas dele com os amigos são ecos de conversas que todos tivemos diante da imensidão do oceano (...)”

Fica claro que a autora mistura, conecta memória, história e ficção brilhantemente, sendo a obra uma expressão cotidiana vivida pela população brasileira (ou por parte dela) sobretudo em sua infância, bem como expressão de uma história, de suas experiências em um dado contexto vivido. Durante o livro, Bino segue sua busca conversando com as pessoas mais antigas da vila, seguindo a tradição da contação de memórias pela oralidade, que está presente na vida de Machado durante suas férias em Manguinhos, como ela conta:

“Ficava quase três meses por ano à beira do mar, com meus avós, junto à natureza e às tradições. Como não havia eletricidade, todas as noites as pessoas se reuniam para contar e escutar histórias. Cada adulto tinha a sua especialidade, contando os mais variados tipos de história. Tenho certeza que sem os verões em manguinhos eu escreveria bem diferente.” (1999, p. 12)

A dissociação entre a obra e as experiências da autora. com o produto final da sua obra é praticamente impossível, pois, ao mesmo tempo em que o estudo da obra revela quem é sua autora, Ana Maria Machado conta na obra quem é. Fica claro que a obra é e revela seu contexto, Maguinhos, a vila de pescadores de Bino, o amigo de Ana Benedito e o personagem Benedito, são todos nesse momento interligados.

“A dissociação na busca de quem somos, subjaz a conservação das tradições como memórias vivas de um povo a que pertencemos e, nesse sentido, a procura de identidade assenta no estabelecimento de laços afetivos com o passado, porque “Aqui ao leme sou mais do que eu...” (PESSOA, 1934)

Desta forma, uma dos pontos da análise deste documento é a consciência de que a autora expressa na obra, imensa sintonia com as questões de seu tempo, das questões e reflexões sobre a sociedade em que vive/viveu deixando vestígios através da subjetividade dos seus personagens. Machado faz usos de uma linguagem elaborada, que também é clara e direta, e, em suas obras costuma “(...) lembrar e (re)significar o passado, busca, também, construir estratégias, na tentativa de instituir um processo de mudança e transformação do momento em que vive” (BASTOS, 2011).

Em *Do outro lado tem segredos* vamos justamente em busca de questões do passado, re-significadas no presente, contadas de maneira brilhante e intrigante por Machado, que nos apresenta ao personagem Bino que nos guiará por essa jornada, que daremos continuidade agora, seguindo a materialidade do documento.

Demorou a juntar todas as informações e entender o complexo mundo em que vivia, e claro, entender que o mundo do outro lado do oceano está tão presente na sua vida; nesta aventura temos, também, os segredos do outro lado do morro que Maria, amiga de Bino, conta. Os segredos se entrelaçam e os mundos se aproximam nesta obra.

O resumo da contracapa da segunda edição, traz estes dizeres:

“Do outro lado tem segredos. Bino sabia disso. Mas o que teria lá do outro lado? Que mistérios guardaria aquela terra? Quem viveria tão distante? Isso Bino não sabia, mas queria muito saber. Bino olhava o mar, perguntava, ouvia, seguia as estrelas e os

caminhos ... e acabou descobrindo os muitos lados do mar e da vida. Do outro lado tem segredos é a história da descoberta de Bino e a de todos nós.”

Já no título da obra somos pegos pela curiosidade de conhecer os lados, quais seriam eles? O lado de cá, descobrimos no primeiro capítulo “Peixe muito!” que é a vila de pescadores Guriri, onde mora Bino. Ele, neto do velho Zé Manduca e filho do Balbino, todos pescadores, ajudava bastante o pessoal da praia, carregando samburá, esvaziando a água do fundo da embarcação, quando os homens voltavam da pescaria, procurando buraco em rede, recolhendo peixe salgado que ficava no sol e não via a hora de ficar um pouquinho mais velho para também sair mar afora.

Conhecemos a rotina do vilarejo todo cercado de forte presença africana, como vemos nos nomes e tradições, como a forte influência do canto para realizar as tarefas, impondo ritmo e como fica evidente na ilustração da página 17, que mostra Bino e outros companheiros trabalhando na pesca, cada um com sua função, cada uma ajudando um pouco e se beneficiando um pouco no final, tudo muito coletivo; ou então quando a avó de Bino joga os búzios, e quando a mãe de Bino conta histórias como a da boneca de piche.

O lado de lá ficamos conhecendo no capítulo dois “E o outro lado do mar?” Os lados se referem aos lados do oceano atlântico, de um lado a costa brasileira onde em algum ponto estava a vila de Bino e do outro lado o continente africano. Um menino muito curioso, Benedito, mas não o santo, o menino Bino, apenas; gostava era de olhar o mar, à toa. Ele ficava pensando o que é que tinha do outro lado, do lado onde o mar encontra com o céu, lá bem no horizonte.

“... tem tanto coisa no mar... A gente olha assim, vê só um monte de água, com espuma, mexendo, cada dia de cor diferente. Mas tem coisa que a gente não vê. (. .)” (p. 21) “Bino não estava entendendo nada, mas queria saber, do mar. Resolveu perguntar: - Vó, que é que tem do outro lado do mar?” (p. 30).

Ele vivia interrogando sua avó, uma mulher já velha que gostava de falar de muitas coisas esquisitas, de casos antigos, e a quem ninguém dava muita atenção, exceto ele. Sua avó Odila, retratada na ilustração da página 29, em meio ao encontro dos dois lados do mar e, também, nos dizeres do terceiro capítulo “Mistérios de Luanda Angola”, onde ela fala alguma coisa para Bino sobre Angola, Luanda, Aruanda e outras coisas sobre o mistério existentes depois do oceano. Intrigado, o menino Bino resolve perguntar a outras pessoas sobre o outro lado.

Bino acha uma estrela do mar na praia e sua avó vendo a estrela diz: “-Bonita. Para estrela do céu a gente faz pedido. Do mar... é outra história. Coisa comprida, grande que nem as coisas do mar” (p.28). Cheia de mistérios Dona Odila não conta a história da estrela para Bino, que curioso vai perguntar a seu melhor amigo Dilson. “-Você sabe alguma história de estrela?” (p.35) E o amigo responde: “ – Sei uma porção. Quem aponta estrela fica com verruga no dedo. Quando a gente vê uma estrela caindo a gente faz um pedido. Teve uma estrela que apareceu quando o Menino Jesus nasceu. Quer mais?” (p.35) É neste momento que encontramos a presença européia, a presença da cultura trazida pelos portugueses, homens brancos, aparece pela primeira vez na narrativa o cristianismo, que, em breve, veremos que de uma maneira curiosa se funde a alguns costumes africanos.

Sem ainda obter uma resposta nem quanto ao outro lado do mar, nem sobre a história da estrela do mar, Bino, continua a busca que é sempre recheada de narrações realistas da rotina praieira.

“Gostoso andar na areia molhada da maré enchendo. O pé afunda, a água vem, o calcanhar quase fica preso. Divertido. Bino e Dilson corriam das ondas, enfiavam o pé na areia até o meio da canela (...)” (p.35)

Dilson estava sempre ao seu lado, era companheiro de todas as suas aventuras e também tinha a bela Maria, uma menina curiosa que também queria saber como era do outro lado, mas não do mar, e sim da floresta, logo alí do outro lado do morro. Ela ficava imaginando que, além da floresta, havia índios e Bino continuava pensando nas coisas que poderia haver do lado de lá. Encontramos alguns confrontos de tradições nessa jornada, como podemos ver quando buscamos na narrativa as fontes de conhecimento acessadas por Bino para achar suas respostas, de um lado a forte presença da oralidade, da cultura oral, do conhecimento passado através das gerações, como no caso em que Bino procura as pessoas mais antigas da vila para responder suas questões, como sua avó. Em outros momentos Bino relata que gostaria de ir a escola, como seu irmão mais velho, Tião, “Ah, a agonia que Bino tinha para saber de tudo, ler tudo que existisse para ler...” (p.36), entendendo que a escola e os livros são as fontes de saber. Essas duas influências existem devido as diferentes origens do povo brasileiro, neste caso são evidentes os costumes distintos de portugueses (europeus em geral) e africanos, podendo também visualizar a cultura indígena.

Depois de perguntar para Odila e Dilson, Bino procura Mané Faustino. “-E do lado de lá do mar? Que é que tem? (...) –Coisa boa... Terra de rei... E todo mundo solto trabalhando junto, comendo junto, fazendo festa...Tinha até reis...” (p.37). Agora que Bino ía desvendando os mistérios, ficava cada vez mais curioso, e ao mesmo tempo que descobria a terra do povo cor da noite, descobria, também histórias sobre correntes e escravos. Como vemos na ilustração da página 39, que traz dois negros de tribos diferentes, ambos acorrentados, escravizados. Mané Faustino também conta um pouco mais:

“Coisa triste da viagem, do cativo, dos maus tratos. Pai para um lado, filho para o outro, pancada, todo mundo sem entender nada do que estava acontecendo, tudo amontoado no porão, preso com corrente, em saber para onde ia, sem querer comer para ver se morria de uma vez e acabava aquele inferno... (...)” (p. 38). “Os homens trouxeram todo mundo para o lado de cá. E depois do mar, espalharam na terra daqui todo mundo que sobrou, todo mundo que não morreu na viagem. Cada uma para um lado.” (p. 40)

É dessa forma que a autora narra a escravidão e o encontro dos colonizadores europeus com os africanos escravos. A visão da história, neste caso, conta os acontecimentos não através da óptica do vencedor e do dominador, mas, sim, dos dominados, dos vencidos, que também tem a sua versão da história expressada com muita clareza, o sofrimento, mas também as lutas e resistências dos africanos.

Agora que já conhecia um pouco, mais Bino cria uma ponte significativa entre sua vida e a de seus antepassados, pelo relato das lembranças das pessoas com as quais interage, construindo, passo a passo, a sua identidade. Resolve conversar com sua amiga Maria sobre as coisas que tinha descoberto sobre o outro lado e produzem juntos uma confusão danada já que Bino se referia ao outro lado do mar, aos africanos e Maria ao outro lado do morro, falava dos índios. A autora dentro deste enredo rico, acaba por contar na mesma estória um pouco mais da história quase sempre esquecida dos povos vencidos, focalizando não só os negros mas também do homens cor da terra, os índios. Sobre os mistérios do povo da floresta, além do morro, ficamos sabendo um pouco mais no capítulo cinco “ Estrela de penas, coroa da mata”, quando Maria conta:

“Tão bonitos que devem ser...A cabeça toda estrelada de penas e pássaros...A pele toda desenhada e pintada com tinta de flores e frutas...E aquela porção de coisas bonitas, em volta, feitas de palha e de barro, de madeira e de pena, de ossos e de concha (...) Fiquei sabendo que antes lá só tinha índio, vivendo livre que nem passarinho, caçando, pescando, fazendo farinha, fabricando cesto, gamela, esteira. Depois chegaram os

homens que não eram índios. E eles foram perdendo as terras, a saúde, as belezas...” (pp.45-46)

Todas essas informações eram trançadas na cabeça de Bino, que agora entendia cada vez melhor suas origens e a origem do povo de Guriri; vindos de longe ou de perto formavam agora um único povoado. Essa união de diferentes culturas fica evidente na festa de Bino, quer dizer, na festa de Benedito, São Benedito. Na festa católica do santo que é negro, tinha procissão e também congada, coroação do rei Congo, rei africano. O vilarejo seguia firme na arrumação da festa que era linda e que unia diferentes culturas, fazendo uma grande mistura. “Vamos fazer puxada de mastro e a bandeira de São Benedito vai ficar bem fincada em frente a Capela. E vai ter Congada. (...) E a coroação do Rei Congo, todo enfeitado, com roupas lindas, coberto de jóias.” (p.44).

Bino estava empolgado para a festa, ainda mais agora que entendia um pouco melhor seus costumes, mas também estava ansioso para ver o irmão mais velho que voltaria da cidade grande para a festa. Quando Tião chega, traz um monte de coisas diferentes de cidade, e muitas novidades para o sexto capítulo “Rosa dos ventos, estrela dos caminhos”, onde Bino se depara com mais uma estrela, mas essa era diferente, quem conta é seu irmão Tião, ao explicar para Bino sobre o que aprendia na escola, o que ensinavam sobre o mar e Tião diz: “A gente lá aprende os nomes dos pedaços de mar, as terras perto dele, os mapas com a rosa dos ventos (...) – Que é rosa dos ventos? – É uma espécie de estrela (...) Estrela desenhada, de papel. Estrela de todas as direções.” (pp. 53-54).

Quando fala em mapas e pedaços de terra, surgem algumas informações novas, como por exemplo, saber que o pedaço de terra que vinha depois do oceano tinha o nome de uma tal África. Bino se pergunta: “Do lado de cá tem uma praia. Do lado de lá tem uma África. A gente mora nesta praia. Os reis moravam naquela África. E os cativos ficaram espalhados por toda esta terra (...) todo preto do lado de cá era de alguma família de cativo.” (p.56). As suas origens vão ficando mais claras a cada explicação; a cada fonte de conhecimento que busca Bino encontra saberes diferentes sobre a mesma história, conseguindo formar uma enorme colcha com os retalhos que ia juntando. Tião explica depois ao irmão que “África não é alguma, Bino. África é uma só. (...) A África é igual a mãe da gente. Foi de lá que a nossa gente veio.” (p.56)

Ainda era preciso saber mais. A busca por suas memórias, origens, histórias ainda não tinham acabado. É na sua festa, do seu Santo, São Benedito, lindamente

ilustrada nas páginas 62 e 63, que a colcha finalmente se encaixa. Todo ano a população da vila se reunia e fazia festa para comemorar o dia do Santo. Havia muita música, muita alegria, crianças correndo por todos os lados. Bino se achava muito parecido com São Benedito, não só no nome, mas na aparência também, pois era negro e gostava de cantar como ele. As culturas africanas com culto a seus reis, misturada as tradições católicas, são evidentes. Durante a festa, Bino agora muito atento, vê a coroação de um tal rei Zumbi e quer saber sua história e descobre na história de sofrimento e repressão, também resistência. O Zumbi rei do quilombo dos Palmares, maior abrigo de escravos fugidos, negros livres.

“Zumbi era o rei e veio para o lado de cá, preso, cativo. Depois o filho dele fugiu. Levou muita gente junto. Fizeram um quilombo, reino de preto que não era mais cativo. (...) Até que os bandeirantes chegaram lá e acabaram com tudo. Mas era um reino grande, cheio de gente, com muito terra. –Do outro lado do mar? – Não. Deste mesmo. Do outro lado dos morros, junto dos índios. Amigos deles.” (pp.67-68)

Bino enxerga na união a força e na resistência uma saída; entende que todo negro era também um pouco Zumbi, um pouco rei. “Com uma porção de reis ao mesmo tempo, ninguém ia conseguir acabar com eles. Nem mesmo os tais bandeirantes” (p.68). Sentindo-se um rei Bino segue aproveitando a festa. Maria também cantava e divertia-se. Todos seguiam festejando até que Maria chama Bino e a narrativa ganha um tom de romance. Ela entrega-lhe uma jasmin-estrela, os dois se beijam e então tudo faz sentido na cabeça de Bino, as informações se conectam.

“Em casa ele tinha uma estrela do mar. No cristal, tinha estela da terra. De noite, conheci estrela do céu. No mapa, (...) estrela rosa dos ventos. E esta? Um jasmin-estrela de quê? (...) De terra, talvez, porque nascia na terra. Da água, talvez, porque precisava regar. Do céu, talvez, porque o cheiro seguia na brisa. Mas talvez fosse de mostrar caminhos” (p. 69)

Bino enxerga a partir de uma alegoria com as pétalas da flor com os caminhos percorridos por ele.

“uma ponta mostrava o caminho do mar, da África, do começo de tudo, de gente que veio antes, da história sem cativo. Mas era também o caminho de depois, de saber como vai ser, de todos os reis, tantos, todos os que quiserem brigar para ninguém mais ser cativo. Outra ponta mostrava o caminho da terra, (...) dos donos do lado de cá, mortos, prisioneiros, cativos, doentes. (...) Outra ponta mostrava a vila, com a festa, com São Benedito e Zâmbi (...) Outra ponta mostrava Maria, com cheiro de mato e brilho de

fonte, sorrindo para ele, abrindo caminho. Outra ponta mostrava ele mesmo, Bino, Benedito, pescador, rei, Zumbi, lado de cá, lado de lá.” (pp. 69 - 70)

E assim Bino, finalmente, consegue entender tudo, todos os segredos do lado de lá, das histórias do lado de cá, mistérios revelados dos povos nativos dos dois lados, do sofrimento e da injustiça sofrida por eles, mas também das resistências produzidas, da força dos índios e negros, que ganham o papel principal na narrativa desta estória, que aparecem como protagonistas e não coadjuvantes. Suas forças se encontram na ilustração da página 71, índia e negra lado a lado, mãos dadas de frente para o oceano, que por muito tempo separou povos que hoje se misturam, formando uma nação brasileira.

Bino que aparece na capa com trajes típicos da colonização, roupas européias, espada, e a foto de Santo na mão, termina o livro ilustrado como Zumbi, com trajes típicos africanos, lança, brincos e adereços, vindos das culturas africanas, das tribos. “Estava começando a virar Zumbi” (p. 72).



(MACHADO, capa, 1980)

De olho nas penas

Uma jornada por nossas raízes.

Nesta segunda parada, somos transferidos a um mundo que fica perto daqui, mas, muitas vezes não nos damos conta. Somos levados pelo vento, ou melhor, por *Quivira*, que conheceremos melhor em breve, até as terras dominadas e colonizadas. Quem nos acompanha a conhecer estes lugares é *Miguel*, junto com um amigo guia, muito diferente – *Quivira*.

A obra conta a história de *Miguel* e de todos aqueles que viviam/vivem na terra das montanhas, rios e savanas; trata-se de uma maravilhosa jornada pelo continente Americano e Africano e pela história de seus povos. “*Miguel* tinha oito anos, dois pais e uns cinco países pelo menos...” assim começa a história de um menino em busca da sua identidade em uma verdadeira viagem pelas tradições culturais da América Latina principalmente.

A obra produzida em 1981 aborda a crise de identidade de *Miguel*, que em busca de respostas sobre suas verdadeiras raízes e histórias, acaba se conhecendo melhor por meio de uma linda jornada ao mundo do sonho e da fantasia, que, como veremos, é muito real, muito mais até do que gostaríamos de lembrar. Na década de 1980, no contexto brasileiro a ditadura, o exílio e os exilados faziam parte do cotidiano nacional, especialmente de alguns brasileiros envolvidos nas resistências como, é o caso de Ana Maria Machado, que foi exilada do país e impedida de retornar a seu país, tendo que firmar sua vida no velho continente. Mesmo durante o exílio era comum que os refugiados resguardassem e manifestassem suas raízes, como podemos exemplificar com esse livro que foi escrito em terras estrangeiras, mas aborda as principais origens do “povo brasileiro”. É dentro desta situação, exilada e longe de casa que Machado tem o seu segundo filho, na França, seus sobrinhos também nascem no exílio, mas neste caso, no Chile, entre eles o inspirador direto de *Miguel*, como conta a própria autora. Ainda em seu *site* ela conta: “escrevi este livro em poucos dias. Ou em alguns anos, depende do ponto de vista. Porque a história dele é comprida.”. A publicação da obra se dá em 1981, apenas dois anos depois que foi assinado o decreto de anistia que permitia, finalmente, a volta dos exilados ao território nacional, mantendo a temática ainda muito presente no contexto nacional.

Segundo Machado essa estória foi muito inspirada nesta situação vivida por ela e pelos seus familiares que passavam pela mesma situação, em países diferentes, mas, todos com esse desejo de retornar as suas verdadeiras origens e, é este um dos pontos que impulsionaram-na a produzir esta obra. As inspirações da obra são relatadas pela própria Ana.

“Meu segundo filho nasceu no exílio, na França, em 1971. E um dos meus sobrinhos também – inspirador direto do Miguel (...), ele nasceu no mesmo ano no Chile porque os pais estavam lá, refugiados da ditadura brasileira. Aí começou uma ditadura no Chile, os militares apreenderam os documentos das crianças, e a família, ao se exilar e se dispensar novamente, teve que buscar nova papelada e viver outras realidades. Sorte que meu sobrinho, a essa altura com certidão de refugiado da ONU, encontrou ouro pai (...) mas custou um pouco mais a encontrar seu verdadeiro país, em meio a tanta turbulência. E a perguntas demais para sua cabecinha. Fiquei querendo explicar a ele por que era brasileiro, apesar de tudo.”

Com esse monte de inspirações presentes, faltava apenas um último impulso para que a obra “nascesse”. Isso se deu em uma noite de 1979, quando ela ainda era jornalista, como sabemos, e em um dia de trabalho teve como pauta a assinatura da anistia; trabalhou nessa notícia o dia todo trabalhando para o jornal, quando chegou a noite não conseguiu dormir e sentou para escrever esta estória, que em apenas duas semanas estaria pronta. Machado, na 28ª impressão da 2ª edição da obra, lançada em 2003, escreve algumas palavras sobre a obra, e diz: “Quando me pedem para explicar as circunstâncias em que ele foi escrito, fico muito feliz. Que bom que hoje a ditadura e o exílio são coisas tão distantes que a gente até precisa explicar! Mas sempre é bom lembrar, para não se repetir.”

A obra, antes de ser lançada em 1981 já havia sido premiada, o que reforça ainda mais a qualidade existente na mesma. Antes mesmo de enviá-la a editora, Ana inscreve o livro para concorrer ao *Prêmio Casa de Las Américas*, no emblemático país socialista da América Central – Cuba. O livro, concorrendo na mesma categoria que as produções literárias catalogadas como “adultas”, para a surpresa de todos, saiu como vencedora. Voltando ao Brasil, como uma obra premiada em Cuba, Machado teve dificuldade em encontrar uma editora que a publicasse, pois, temiam a repressão por parte da ditadura brasileira. Foi a ousada Editora Salamandra que publica a obra, que depois foi traduzida para diferentes idiomas levando estória crianças, jovens e adultos de muitos continentes.

A obra tem duas diferentes edições, a primeira delas encontra-se anexada no final deste trabalho e é esta que analiso. A sua outra edição de 2003, traz uma novidade, um ilustrador Chileno, Gonzalo Cármamo; a reedição segundo Machado representa uma festa da democracia, visto que a obra é escrita por uma brasileira, premiada por cubanos e agora ilustrada por um chileno. Com a nova ilustração a obra ganha um ar de modernidade, com ilustrações coloridas, material de impressão com maior qualidade, além, é claro, de representações mais dóceis dos fatos relatados.

Agora é chegada a hora de pegarmos o documento em mãos e iniciarmos página por página essa viagem. Prontos?

Logo no título encontramos um maravilhoso trocadilho –“De olho nas penas”, a princípio parece claro que se trata de penas de pássaros; a ilustração da capa com um maravilhoso índio de cocar de penas reforça a ideia, porém, mais à frente no texto, quando ouvimos o amigo Quivira sempre atento, “Sempre de olho nas penas do mundo. (...) De gente que está penando, (...) De gente que tem pena dos outros. De gente que cumpre pena (...) e ainda fica de olho nas penas do mundo“ (p.36), entendemos a genialidade da escolha cuidadosa da palavra, pena que pode ter diferentes interpretações. A primeira e mais evidente é a da penas das aves, para explicitar a outra, peço ajuda ao velho amigo dicionário, onde encontramos: “Pena (*lat poena*) **1** Castigo, punição. **2** Modo de repressão, pelo poder público, à violação da ordem social. **4** Aflição, cuidado, sofrimento. **5** Contrariedade, desgosto, tristeza. **6** Desgraça, lástima. **7** Compaixão, dó, piedade.” (Michaellis, 2011).

Abrindo o livro, encontramos a ficha catalográfica e informações dos bastidores da obra. No epílogo lemos “A todos os gatinhos que andaram nascendo em forno por aí, e nem por isso viraram biscoito. E aos leopardos, sobreviventes ou não.” Fazendo menção a todos aqueles que nascem em um lugar, mas pertencem a outro, como explica a avó de Miguel a ele, “Você nasceu no Chile, mas seu pai e sua mãe são brasileiros. Você também é.” (p. 11). Os leopardos aparecem na estória quase no final quando Ananse, amigo de Miguel, conta uma história onde um leopardo propõe aos animais fazerem uma casa juntos para se alimentarem melhor e ficarem mais protegidos. Todos menos o cachorro, topam e constroem a casa. Depois de pronta, o cachorro, quando passa por dificuldade, corre pedir abrigo e todos dizem não. O cachorro que tinha dentes atacou e o leopardo corajoso foi defender a todos, mas ainda não tinha garras, e perdeu a luta e foi embora, viver sozinho. Resolveu se armar e pediu que o ser humano lhe desse

garras afiadas. O cachorro vira o dono da casa e resolve um dia chamar o leopardo de volta, dizendo que estava com pena dele sozinho e que permitiria que ele voltasse a morar na sua casa, o Leopardo então diz “Você não pode resolver nada nesta casa, porque ela não é sua. Dono é quem faz, não é quem toma. Esta casa é de todos menos sua. E se nos quisermos, desmanchamos tudo”, os dois entram numa briga, enquanto os outros animais recolhiam tudo que era deles na casa, que, aos poucos, foi caindo na cabeça do cachorro. O conto traz a moral de que líder é aquele que é esperto e respeitado e não aquele que ganha respeito a força, sendo o leopardo injustiçado, pois, não teve armas para vencer o cachorro que era um grande aproveitador. A relação do conto com a realidade ditatorial brasileira não é mera coincidência, sendo o cachorro facilmente associado às lideranças brutas e armadas, que ganhavam tudo na força e tomavam para si aquilo que era originalmente coletivo, além da expulsão do leopardo e a sua permissão de volta ser facilmente associada ao exílio existente na ditadura. Os leopardos sobreviventes ou não, podem ser associados a todos aqueles que propõem algo melhor, que vêm na união a força para vencer e que são sábios para ir contra a violência e usar suas garras para se defender de tiranos.

A ilustração nas páginas 5 e 6 mostra um rosto dividido em dois, representando os dois pais abraçados com Miguel, que está com orelhas de felino, indicando que ele é um dos tantos garotos que nasceu em forno, mas não virou biscoito.

Na contracapa da obra, temos um resumo e algumas informações, que diz assim:

“Miguel tinha oito anos, dois pais e uns cinco países pelo menos. Assim começa a história de um menino em busca de sua identidade. E assim começa uma verdadeira viagem pelas tradições culturais da América Latina. Voando com Miguel nos braços de Amigo – personagem mágica que sintetiza nossas raízes – o leitor participa de uma jornada pelas terras das montanhas, dos rios e das savanas. E descobre uma história de lutas e de sangue, mas também de muita beleza. De olho nas penas constitui-se, além disso, na história pessoal de muitas crianças, filhos de exilados políticos, que, durante os anos de ditadura nasceram e foram obrigados a viver fora de seu país.”

No primeiro “ Gato que nasce em forno”, somos apresentados, finalmente, a Miguel e começamos a entender seus dois pais e seus cinco países. A ilustração na página 8 que abriu o capítulo, traz a figura de um menino árvore/planta que nasce da terra, que tem suas raízes presas a terra, originárias dela.

Explicar dois pais até que fica fácil, Carlos e Luís, “O pai Carlos era o homem que tinha feito dentro do corpo da mãe o bebê que um dia ia ser ele- do mesmo jeito que todo dia o pai Luís ajudava a fazer o menino que eles estavam sendo”. O Luís era o pai

de todo dia, casado com sua mãe, o pai Carlos vivia fugido e sempre aparecia para ele com uma cara diferente e nomes distintos também, mas Miguel sempre sabia que, no fundo o homem de bigode ou o barbudo careca era mesmo seu pai Carlos.

Esse mistério que o pai Carlos escondia era, na verdade, a fuga de um governo ditatorial, Carlos certamente era procurado e foragido da ditadura brasileira, uma marca da experiência pessoal da autora. Os muitos países de Miguel também se explicam nesse cenário de exílio. Primeiro o Brasil, porque seus pais eram brasileiros, depois o Chile, que foi onde ele realmente nasceu, mas não lembra muito bem, pois, foi embora de lá muito novo e hoje quando diz que quer voltar os grandes dizem que não. Fica claro que se trata do momento da também violenta ditadura que existiu no Chile (1973-1990). O próximo país é Moçambique, onde se fala português com uma cultura bem parecida com a brasileira. Tem também a França, país onde viveu a própria autora durante seu exílio, país onde os documentos detidos de Miguel são refeitos.

“Th, meu filho não dá pra explicar direito, mas vamos ver. É que quando a gente teve que sair do Chile, eu e seu pai éramos brasileiros, mas você e sua irmã tinham papéis chilenos. E para deixar nós todos sairmos juntos, eles nos obrigaram a entregar todos os papéis de vocês. – Eles quem? – Os homens lá, que estavam mandando em tudo!” (p.12)

Toda essa passagem apresenta e (re)significa um cenário rotineiro da época, vivido pelas famílias fugidas e exiladas das ditaduras. Durante o tempo que passaram no Chile, tiveram que sair as pressas quando o governo foi tomado e Miguel relata que se lembrava de lá e que sentia medo, sem nem saber bem o porquê. “Um dia ele viu na rua um carro cheio de soldados que estavam indo para algum lugar, e então de repente lembrou do Chile e teve medo” (p. 12). A ilustração da página 13 traz uma visão clara do medo que os militares espalhavam, eles são facilmente reconhecidos pelas armas em destaque e pelo uniforme militar, com capacete, roupas próprias e coturnos. Miguel é retratado com uma enorme cara de susto e medo e sua avó com dedos enormes tentando proteger e acalmar o neto.

A grande perda da identidade é focalizada no início da narrativa, quando Miguel é apresentado como um menino que vive no Brasil, depois de morar em diferentes países, como Chile, onde nasceu, Bélgica, França, Portugal, Moçambique e Panamá, com sua família exilada, fugindo da perseguição política. Ele não consegue compreender muito bem todos os mistérios que envolviam sua história, desde seu nascimento no Chile, ainda que fosse considerado brasileiro, até o fato de ter dois pais,

ou, ainda, as viagens, as fugas e as perseguições com tiros e muito medo. Mesmo de volta ao Brasil, devido a lei da anistia, Miguel se perdia no meio desse monte de dúvida, dentro de sua cabeça. “uma noite, ele tinha ido dormir na casa da avó e estava pensando nisso. Coisa boa de ter dois pais é que assim tinha mais avós, (...) Coisa boa de ter muitos países devia ser como?” (p.15)

É com essa deixa que a autora prepara o leitor dentro do enredo para realizar uma deliciosa viagem as origens de Miguel e as nossas também. O conflito interior, ligado à perda de sua identidade, é resolvido também em seu interior, durante um “sonho”, onde ele encontra uma ave misteriosa, que o transporta para outras terras desconhecidas, num primeiro momento, mas, que, durante esse processo de reconhecimento e reconstrução interiores, Miguel identifica-as como sendo seu próprio chão, seu verdadeiro lugar de origem.

Estava uma noite chuvosa e ventava muito, curioso e corajoso Miguel “resolveu levantar e olhar pela janela, tentando ver melhor. Aí alguma coisa pegou ele no colo. Estava escura, não dava para ver bem. Parecia uma ave. Um condor, talvez. (...) Miguel foi fechando os olhos e aproveitou o chamego gostoso daquele colo que só podia estar levando para um lugar bom, como um anjo” (p.17). Na ilustração da página 16, podemos ver o sono gostoso que Miguel tem nos braços deste misterioso homem pássaro que o carrega tão docemente pela ventania. É com essa magia, essa ventania, que vamos voando até o segundo capítulo “Na terra das montanhas”.

Esse capítulo aborda as histórias e as culturas dos povos indígenas da América Latina, dos Maias, dos Astecas e dos Incas, principalmente, e da sua dominação pelos homens brancos – os espanhóis. A maneira como a estória é contada foge da linha tradicional, que retrata apenas as motivações e as visões do vencedor, Miguel é apresentado a uma história onde existem lutas e dominações, mas também resistências. Na capa do capítulo (p. 18-19) vemos um enorme índio a caráter, revestido de ouro, penas e adornos típicos da cultura dos homens das montanhas, Miguel o observa com surpresa e encanto. É esta a primeira parada ao resgate de suas origens.

Ao abrir os olhos, Miguel vê seu amigo e pensa que ele é feito de ouro. “- Muita gente já pensou isso antes também. Por isso é que nos sofremos tanto quando os cavaleiros chegaram. Mas olhe bem. Sou gente como você. Ou talvez fosse melhor dizer que você é como eu, porque eu sou mais antigo. Gente de carne, osso, coração, sangue, riso, choro e canção” (p. 21) Os cavaleiros, que vestiam armaduras, montados a cavalos,

os espanhóis, ao chegarem na América e descobrirem a abundância do ouro, metal com imenso valor material no velho continente, a maior riqueza já escassa lá aqui era abundante, um dos motivos que ocasionou muitas mortes. Quando Quivira, diz ser feito de carne e osso, ele traz a tona as sensibilidades e aproxima as culturas de seu povo da de Miguel, aparentemente distante.

Quivira continua descrevendo a história de seu povo, contanto o encontro dos seus com os colonizadores. “E para matar a sede de ouro que eles tinham, fizeram a terra beber nosso sangue. E para diminuir a febre de outro que sentiam, nos queimaram no fogo de suas armas. Até que só ficamos com o sol e os segredos da terra.” (p.23) A versão dos “perdedores” da história é clara, mas Quivira ainda completa, dizendo que “nada é fácil. Precisa saber olhar. Não tem nenhuma resposta pronta.” (p. 23).

As iconografias produzem também a história, mostrando um pouco da cultura e da história deste povo, na página 22, vemos pescadores, peixes, uma cachoeira, a fauna e a flora, um barco navegando, tudo em perfeita harmonia, ser humano e natureza; bem diferente do retrato da página 28, onde nos perdemos ao olhar tantas armas diferentes e agressivas, mirando os índios que são resistem como podem as imponentes armas dos homens brancos.

Em um cenário de ditadura, no qual a visão dos ditadores era forçada goela a baixo das pessoas, com a censura, onde apenas as notícias que coincidissem com essa “verdade” eram transmitidas pelos militares, sendo sempre estampada a versão dos dominantes como única e absoluta verdade, a autora, corajosamente, escreve uma metáfora, como essa, onde Quivira, para contar sobre nossas origens e terras aparentemente tão distantes, parte da visão dos oprimidos e vencidos. Olhando atentamente, isso aparece mais como um desabafo sobre as possibilidades de outras versões, outras verdades existentes, outras maneiras de se contar a mesma história, revelando um entendimento de história como resultado de interações, sempre dinâmica.

Quivira, o homem de ouro, leva Miguel a uma viagem ao tempo e mostra para ele como foram os acontecimentos na terra das montanhas no passado. Depois, não aguentando mais olhar tanto sofrimento, ele pergunta se era mesmo tudo verdade; então o homem dourado responde brilhantemente, “É tudo verdade. Coisa que aconteceu mesmo, com nossa gente, há muito tempo. Na certa você vai estudar na escola isso quando crescer, aprender que esses cavaleiros foram grandes heróis da conquista de

uma terra e de um povo. Nossa terra e nosso povo. Mas é tudo verdade. Eles não foram heróis. Eles foram ganhadores. E escreveram a história.” (p. 29)

Depois de entender e conhecer melhor os povos da montanha, Miguel fica é curioso para saber de mais povos e mais histórias, dos povos indígenas colonizados e assassinados pelas colonizadores do ouro. Quivira explica que nas montanhas nascem os rios, os rios correm pela mata, planícies ligando todos os povos. “A gente vai mudando muito pouco de um lugar para outro, vai só vestindo diferente, à medida que fica mais frio ou mais quente, tem mais lã ou fibra para tecer” (p. 30). E assim, vamos descendo os rios até o terceiro capítulo “Na terra dos rios”.

Novamente mergulhado em um sonho cheio de realidade, Miguel vai para a próxima parada para entender um pouco mais da nossa terra. Já na capa (p. 32-33) do capítulo vemos uma linda paisagem, bem no meio da floresta, com, novamente, um belo índio, agora com um enorme cocar de penas e com uma vestimenta mais leve. Agora rodeado de insetos e umidade, ele logo percebeu que estava em uma enorme floresta, cheia de animais, mistérios e belezas. Quivira agora coberto não mais de ouro e sim penas e plumas conta que ali nas florestas e rios tudo aconteceu de maneira parecida. “Aqui também chegou gente do outro lado do mar, com aquela conversa de dizer que estava descobrindo? Para no fim acabar só levando todos os tesouros?” (p. 37) Apesar da colonização, no caso de alguns países ter sido praticada por portugueses, espanhóis, holandeses ou franceses, as histórias de dominação e exploração se repetem pela América Latina. Quivira, homem das plumas conta que ali também foi “Igalzinho. Os tesouros eram diferentes, mas o jeito de acontecer foi muito parecido. Sempre assim. Diferentes e parecido.” (p. 37)

Desta vez Miguel mergulha nas águas mágicas dos rios e vai se transformando em todas as tribos dali, e assim conhecendo a história de cada uma e também aprende um conto, onde um espírito solitário resolve fazer homens a partir da terra e conta que os colocou em um forno, “tirou logo os bonecos do forno e eles ainda não estavam prontos” (p. 39) e daí surgiram os homens brancos; em seguida ele deixou queimar os bonecos, dando origem aos homens negros de todo o mundo, só na última fornada, após ter aprendido o tempo certo de preparo ele retirou os bonecos perfeitos, vermelhos, cor de barro, que deram origem aos índios, que povoaram muitas montanhas, florestas e rios.

Dentre tantas coisas novas que aprendeu, Miguel começa a se identificar. “Eu tenho muitos países, sabe, Quivira? Às vezes eu ficava até sem saber de onde eu sou mesmo. Mas agora eu estou sabendo, muito de verdade, que eu sou destes lugares onde você está me trazendo. Da terra das montanhas e dos vulcões, e desta outra ao lado, a terra do grande rio e da floresta. (...) Agora eu sei que aqui é meu lugar.” (p. 40) O menino de tantos países e continente diz também, que gostava da terra dos homens com cabelo cor de mel (europeus), mas que se identificava mais com o povo dali mesmo. A figura da página 42 mostra a felicidade de Miguel, que brinca em meio ao arco íris e as suas terras de origem.

Falando em outros continentes, é para outro que iremos neste momento, para o último capítulo “Na terra das savanas”.

Logo na capa (pp. 44 - 45), vemos um lindo leopardo com asas, carregando Miguel para o outro continente em plena noite. Ao acordar fica claro o novo destino de Miguel, que descreve a terra com uma vegetação rala, repleta de zebras, antílopes, girafas, elefantes, leões... e claro seu guia que agora não era mais Quivira, era Ananse, uma aranha danada que tecia e fiava as histórias do mundo, guardava todas dentro dela e depois as colocava para fora, contando e formando uma nova teia a cada história, todas elas roubadas de uma cabaça pertencente dos deuses, segundo a lenda africana que o próprio Ananse contou para Miguel.

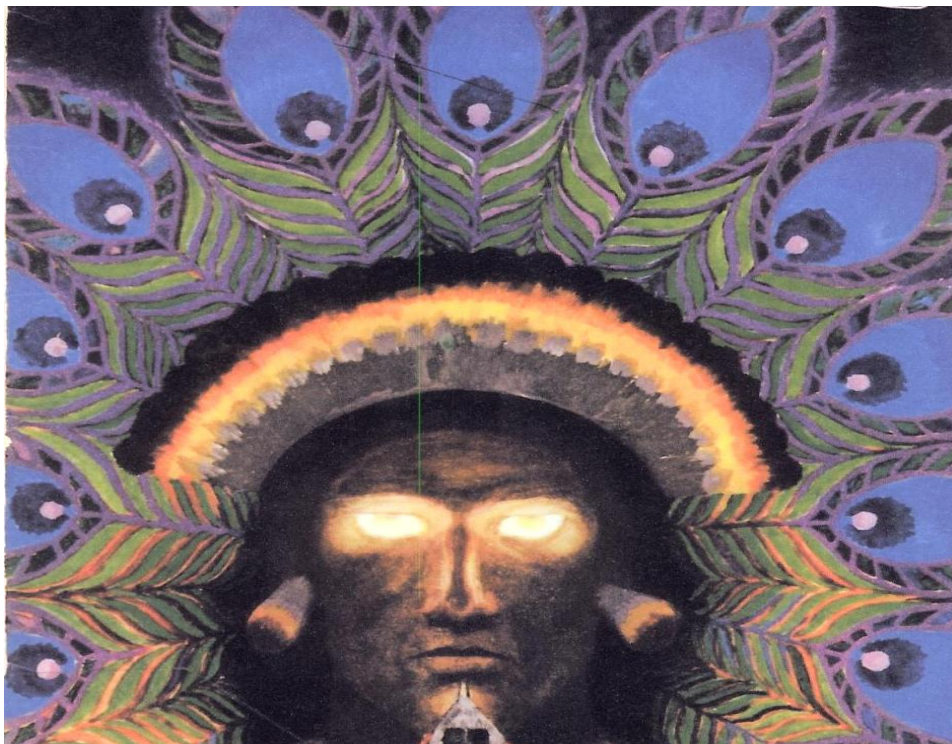
Eis que aparece novamente Quivira, não mais em forma humana ou de pássaros, ele era agora um enorme Leopardo, felino típico do continente Africano. Sobre as histórias, Quivira diz: “todas as histórias do mundo não ficariam guardadas numa cabeça só, por maior que seja. Ficam é em todas as cabeças do mundo. É preciso trocar os fios pra lá e pra cá, trançar o que cada um vai tecendo. Se não, ninguém faz teia nenhuma. E num fio solto ninguém pode morar. Para se ficar vivendo, precisa uma teia” É dessa forma que Quivira explica, sem perceber como é importante a convivência e o coletivo, o ciclo da vida tão respeitado e seguido pelas tribos indígenas e africanas, mas não tão claras para as populações dos homens brancos.

A viagem continua pela história de exploração, crueldade e covardia que cerca a escravidão dos homens cor da noite: “chegava de navio, com correntes e chicotes, carregando o povo todo para bem longe, para trabalhar a vida toda de graça construindo a riqueza dos homens que já tinham tomado as terras dos homens cor de fogo lá do outro lado do mar (...) Aquela terra de lá também bebeu muito sangue do povo daqui,

tem os segredos e as dores dos dois lados do mar.” (p. 52). A forma como a autora conta o que é escravidão, a visão que ela adota de olhar pelo lado deles, do sofrimento deles e da crueldade dos homens brancos mais uma vez se distancia da história convencional contada nos livros de história das escolas, livros esses que na época da ditadura eram verdades absolutas, com a censura vetando qualquer obra que fosse contra a versão da história que interessava aos militares.

Miguel volta para sua cama e quando acorda conta a sua avó sobre seus sonhos: ”Sonhei com um Amigo, de olho nas penas do mundo, que sabe descobrir os mistérios do sangue na terra e guardar os segredos das garras dos homens.” (p. 57).

É desta forma que se encerra este processo de reconhecimento de identidade e (re)construção de histórias e memórias, em uma jornada de crescimento pessoal e social e de conhecimentos e de vãos imaginários, convido você, leitor, para ir até o anexo, onde encontrará o livro inteiro, e deliciar-se com mais uma leitura, em uma viagem pelas penas do mundo.



(MACHADO, capa, 1981,)

Bisa Bia, Bisa Bel

Uma jornada interior

È chegada a hora de conhecermos o nosso último destino. Esta não está nem a frente nem atrás, em nosso caminho, e sim dentro; desta vez não iremos desembarcar, e, sim, embarcar, entrar pelos caminhos que levarão até o fundo de nossas memórias, histórias misturadas com saudades, mistérios e aventuras.

Esta obra de Ana Maria Machado foi publicada pela primeira vez no ano 1982, com ilustrações de Regina Yolanda, que relata ter se envolvido inteiramente com a obra, “A primeira vez que li, penetrei no texto, passei pelo outro lado (...). Só sei que elas (Bia e Bel) me levaram às lembranças de Bisa Regina e as vivências de Neta Gabi, que não consegui deixar de retratar nestas ilustrações”, é o que diz na aba introdutória a obra, editada em 1984, quando o livro já estava em sua 5ª edição.

O livro também foi premiado em diferentes concursos, um deles organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), onde uma jurada, Laura Sandroni, dá um depoimento sobre a obra, dizendo “Na busca pelo passado a autora é secundada pelo maravilhoso trabalho de Regina Yolanda, que, totalmente identificada com o tema, reproduz em traços delicados objetos e figuras “de antigamente” (s/d). O resultado desse feliz encontro das duas artistas é um livro delicioso, bonito, e comovente”. Outro importante depoimento é dado pela intelectual Marisa Lajolo, que diz: “Bisa Bia, Bisa Bel, é uma história bonita, onde uma menina, no convívio com sua bisavó e sua bisneta, aprende a conviver consigo mesma, Nesta recuperação do passado e antecipação do futuro, Bel descobre a riqueza múltipla do presente, que é esta nossa década de oitenta, numa cidade grande brasileira.” Alguns outros depoimentos podem ser vistos no final do livro, anexados ao final deste trabalho.

Os prêmios são muitos – Prêmio Maioridade Cresiful (1981), Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte para a categoria de Melhor livro Juvenil (1982), Prêmio o Melhor para o Jovem – FNLIJ (1982); a obra entrou também para a lista de honra da *International Board on Books for Young People*, ganhou o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro de Melhor ilustração; Prêmio Bienal Noroeste de Melhor Livro Juvenil e o Prêmio Américas (2003). – Mas Machado afirma que “Mais que todos os prêmios e todas as críticas elogiosas que o livro recebeu, mais que todos os recordes de venda, sei que esse é o grande presente que Bisa Bia, Bisa Bel continua me dando,

sempre – é uma ponte com outros seres humanos, de origens e idades variadas”. Todos que estiverem curiosos do porquê de tantos prêmios, devem dar um pulo rápido aos anexos deste trabalho e ver com os próprios olhos e sentir, com as próprias sensibilidades, a maravilha que é esta obra. Esta é uma obra que fala sobre a marcha da história, sobre costumes e suas transformações através das gerações, “mas é, sobretudo, um livro sobre a dialética dinâmica do tempo, o presente contendo em si as lições do passado e já deixando antever as conquistas do futuro”, como escreve Nara Antunes (1982) para o *Jornal de Brasília*. Esse entendimento, esta visão dinâmica e interligada do tempo, e da história, presentes na obra de Machado, vão ao encontro, tendencialmente, dos conceitos e ensinamentos tanto História Nova, bem como da visão do historiador E. P. Thompson.

A obra de oito capítulos e muito premiada foi reeditada em 2007, ganhando novas ilustrações de Mariana Newlands, que incorporou iconografias coloridas por todo livro, dando uma nova aparência a obra, mais moderna e atualizada. A editora Salamandra, responsável por publicar muitos dos livros de Machado, é também a editora responsável por essa obra em todas as edições.

A obra tem nas avós e nas memórias sua grande inspiração, como diz Machado (2007): “Quando escrevi *Bisa Bia, Bisa Bel* só estava era com muita saudade de minhas avós. Vontade de falar sobre elas com meus filhos.” Na narrativa somos todos projetados em Isabel, uma menina que deseja saber mais sobre seu passado, sua história, sobre sua própria família, como todos nós. A narrativa vai fazendo uma trança entre o futuro, presente e passado, tudo junto, preso um ao outro, compondo uma única trança. Nossa querida companheira Isabel, ao entrar nesta viagem interna, descobre Bisa Bia e depois Bisa Bel, com ela dentro desta estória, as três gerações formam um belo trio, que vão trançando suas memórias.

Já no título, a brincadeira com as palavras deixa curioso o leitor que logo quer saber do que se trata um livro chamado *Bisa Bia, Bisa Bel*, apresentando um leque ilustrado na capa. Ao abrir o livro vemos a relação de prêmios da obra, até que, finalmente, nos deparamos com uma tocante confissão, ao espiarmos através do buraco da fechadura de uma porta, que diz:

“Vou lhe contar uma coisa que é segredo! Ninguém desconfia. É que Bisa Bia mora comigo. Ninguém sabe mesmo. Ninguém consegue ver. Pode procurar pela casa inteira, duvido que ache. (...) pode até espiar pelo buraco da fechadura do meu quarto.

Pensa que vai conseguir ver Bisa Bia? Vai nada... Sabe por quê? É que Bisa Bia mora comigo, mas não é do lado de fora. Bisa Bia mora muito comigo mesmo. Ela mora dentro de mim...” (p. 5)

Com esse segredo, com essa confissão, inicia-se a narrativa. Assim chegamos ao primeiro capítulo “ No fundo de uma caixinha” onde a mãe de Isabel e ela estão fazendo uma arrumação na casa e encontram um envelope com retratos antigos. Aproveitam para conversar sobre os hábitos e costumes da época retratada nas fotografias, conversam sobre o paisagismo da época, o transporte (bonde), as brincadeiras típicas, comentam as roupas e outras coisas. Até que Isabel se apaixona pelo “fofíssimo” retrato da Bisa Bia, na época uma menina com boneca e arco, estampada em um típico retrato antigo. “Esse retrato oval e sépia ficava preso num cartão duro cinzento, todo enfeitado de flores e laços de papel mesmo, só que mais alto, como se o papelão estivesse meio inchado naquele lugar” (p. 10). A narrativa toda é pincelada por objetos tradicionais antigos, como a bela caixa de madeira ilustrada na página 9, dando um ar de nostalgia para, principalmente, aqueles que, como eu, nasceram na década de oitenta e lembram de suas avós e bisavós exatamente como Isabel. Onde as Bisavós usavam saias, em uma época sem fotos coloridas, muito menos digitais, em uma realidade cheia de costura, caixas de madeira artísticas, retratos sépias e bondinhos.

Após se apaixonar à primeira vista, Isabel pede para levar aquela “fofura maior. Uma menininha linda de cabelo todo cacheado, vestido claro cheio de fitas e rendas, segurando numa das mãos uma boneca de chapéu e na outra uma espécie de (...) bambolê de metal” (p. 10) para a escola; só depois Isabel iria descobrir que a menina do retrato – Bisa Bel, era cheia de vontades e opiniões. Convencida a mãe de Bel permite que sua filha leve para a escola o retrato.

Assim Bia e Bel começam suas aventuras juntas, já no segundo capítulo “Pastel Bochechuda”.

Chegando ao colégio, ela corre apresentar Bia para sua melhor amiga Adriana. A autora brinca, brilhantemente, com as noções de tempo na narrativa quando as duas amigas estão debatendo sobre a aparência das bisavós: como alguém mais velho que você pode aparecer em uma foto mais nova? Mais uma vez a concepção de tempo como algo complexo e não necessariamente contínuo apresenta-se para ela. Isabel tenta explicar para sua amiga como é que a sua Bisavó tinha nascido há pouco tempo, “Como é que eu podia explicar a ela que Bisa Bia estava existindo agora para mim? (...) Eu

sabia que ela tinha morrido há muito tempo, mas naquele tempo eu nem conhecia a minha bisavó. (...) naquele tempo quem não existia era eu, ainda nem tinha nascido. Mas agora, de repente, desde a hora em que eu vi aquela belezinha de retrato, ela passou a existir em mim.” (p. 14). Ainda na escola Bisa Bel conhece amigos de Isabel, como Sergio, menino que ela gostava e a professora de estória Dona Sônia.

Bisneta e bisavó vão cada vez mais conhecendo as suas diferenças e as semelhanças, expressadas, também, no contexto em que vivem ou viveram. É no terceiro capítulo “Tatuagem transparente” que os diálogos sobre essas diferenças aparecem.

Agora inseparáveis, faziam tudo juntas. Isabel levava seu querido retrato para cima e para baixo, em todas as brincadeiras, típicas dos anos 80, em que participava, como pique-bandeira, pula-que-pula, entre outras. Bisa Bia é que não gostava nada de ver a bisneta correndo de shorts que nem moleque para lá e para cá, atitudes inadequadas para sua época. Outros hábitos de Isabel incomodavam a Beatriz, como comer coisas na rua, para ela que veio de uma época onde tudo era caseiro e feito em casa, alimentar-se fora de casa era também um absurdo. Essas diferenças entre as gerações apresentadas na narrativa de forma tão natural, é bem realidade; quando leio este livro, a todo momento, comparo as atitudes de Isabel com as minhas e as atitudes de Beatriz com as de minha avó e bisavó, visto que somos todas da mesma época retratada no livro.

Após muita diversão, Isabel volta, para casa e dá pela falta do retrato; entende, então que a bisavó estava tatuada em seu peito, tatuada nela para sempre como tatuagem invisível, que acompanha a gente pela vida toda, por mais que outras pessoas não vejam. Dentro dela agora a menina bisavó começa a contar suas histórias e costumes de antigamente, no capítulo quatro “Conversas de antigamente”.

Bia e Isabel passavam dias conversando sobre os objetos do passado, como móveis, bordados, as comidas, os doces e até o comportamento das meninas, que era muito diferente do jeito de Isabel. Bisa Bia não conhecia televisão, geladeira, armário embutido e nem descarga, vivia falando de coisas como urinol, doce baba-de-moça, criado-mudo e outras coisas como o gracioso bibelô, representado na página 24 e a cristaleira artesanal, da página 28. “A gente fala a mesma língua, mas tem horas que nem parece, porque tem coisas que mudaram muito, fica até difícil entender...” (p. 26)

O choque de gerações continua no capítulo seguinte “Meninas que assoviam”. Isabel agora começava a contestar os conselhos de sua bisavó, que segundo ela não faziam sentido em sua época atual, eram costumes do passado, como, por exemplo: assobiar. “-E que mal tem assoviar? (...) –O que é muito feio não é o assovio. É uma menina assoviando, uma mocinha que não sabe se comportar e fica com esses modos de moleque de rua” (p. 30) Isabel começa, então, a desafiar sua bisavó, fazendo o que ela sabia fazer melhor- molecagem. Seguiu descalça, com calça desbotada, pulando muros por aí, subindo em árvore para pegar goiaba, como está retratado na página 31.

Isabel em cima da goiabeira com Sérgio, fica em dúvida sobre o que fazer, como se portar, Bisa Bia dava conselhos para ela fazer o papel de mocinha comportada, e agora uma nova voz muito mais solta dizia para ela não dar bola pro Sérgio e fazer o que ela quisesse e ponto. No meio deste turbilhão de conflitos Bel começa a entender que deve fazer suas escolhas sozinha. Quando o assunto era o Sérgio então, os conselhos eram conflitantes, devido aos costumes de cada época. Isabel dizia: “Olha, Bisa Bia, quer saber de uma coisa? Isso tudo foi muito antigamente. Hoje em dia, é justamente o contrário. Menina do meu tamanho não casa, não. Mas namora, se quiser, sabe? Namoro de menina, que é diferente de namoro de mulher maior, mas é namoro, sim. E na hora de casar, não são mais os pais que resolvem. É a gente mesma. Estamos inventando um jeito novo pra essas coisas, sabe?” (p.37).

E esses jeitos novos para as coisas estão por toda parte, inclusive no capítulo “Um espirro e uma tragédia”. Onde Bisa Beatriz quer ajudar a bisneta durante a paquera com Sérgio e acaba melando tudo, o espirro arquitetado pela bisavó dá errado e Sérgio acaba se rindo da Bel, que vai triste para casa.

As diferenças entre os sexos mudaram drasticamente durante as gerações que separam Beatriz de Isabel. O papel da mulher principalmente se ampliou de maneira inimaginável na época de Beatriz. Trabalhar fora, comer em restaurantes, optar por não ter o sobrenome do marido, entre outras mudanças reais, que estão presentes no mundo atual, são apresentadas por Machado de maneira simples, dinâmica, sendo a literatura uma importante expressão de visões e experiências historicamente datadas; é sempre uma fonte, um documento de sua época.

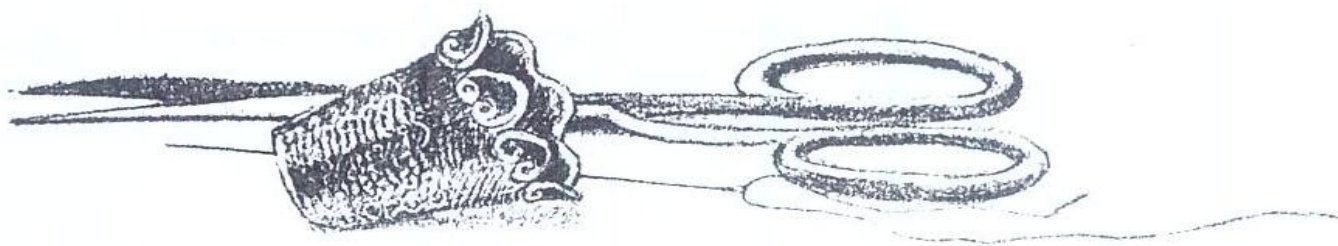
A voz misteriosa que vinha dando conselhos a Isabel, sempre confrontando Bisa Bia finalmente apresenta-se enquanto Bel bordava lindos lenços, que podemos ver na página 45. “Afinal, que é que você quer? (...) Você é minha Bisa. Bisa Bel, uma

gracinha de menininha de short e tênis, que eu encontrei nos guardanapos de minha mãe, uma foto velha e mandei fazer uma holografia Delta... E ela é sua Bisa Bia, a menininha que também está lá, no retrato que você segura na mão.” (p.45) é assim que a Beta, bisneta de Isabel, entra na estória, a última que faltava para formar a trança do tempo, passado – Bia, presente – Bel, futuro – Beta.

Agora chegamos ao último capítulo da narrativa “Trança de gente”. “Vou descobrindo que dentro de mim é uma verdadeira salada.” E Bel continua dizendo “tem outra coisa: quando eu começo a ficar muito moderna, muito decidida, a me sentir muito forte e muito capaz de enfrentar tudo, às vezes me dá uma “recaída de bisavó”, como Neta Beta chama. Quer dizer, quero denego, descubro que sou fraca numas coisas, tenho vontade de pedir colo e procurar alguém que me ajude, passe a mão na minha cabeça e tome conta de mim um pouquinho.”

A história vira tema de pesquisa da escola, da aula de História, mas dessa vez a pesquisa não seria feita isolada, com um tema sem nexos com o que se vive. “Dessa vez a pesquisa do colégio não é só em livros fora de mim. É também na minha vida mesmo, dentro de mim. Nos meus segredos, nos meus mistérios, na minhas encruzilhadas escondidas” (p.56). Aqui fica evidente mais uma realidade do contexto da obra, que é a realidade escolar “tradicional” da época, também existente atualmente, na qual a escola aparece sem muita conexão com a vida real, desconexa. Tanto que a proposta de uma atividade como esta surpreende todos os alunos.

Isabel termina a sua confissão dizendo: “Foi por isso que eu resolvi contar o segredo que ninguém desconfia, sabe? Contar que Bisa Bia mora comigo. Mas quando eu me animo, não consigo parar, e acabei contando tudo. Até a Neta Beta entrou na dança. E nós três juntas somos incríveis, de trança em trança.” (p. 56). Dessa maneira é que o bordado da história de Bel termina, é chegada a hora de cortar a linha que acompanhou esta estória do começo ao fim, como vemos na ilustração da página 56.



(MACHADO, p. 56, 1982)

CONCLUSÃO?

Rastros impressos na jornada.

Como uma aranha, os livros tecem as teias, rede que enrola e que enreda...

Marisa Lajolo, s/d

Como uma aranha que tira, de dentro de si, seus fios para tecer sua história e suas estórias que liga os pontos fazendo seu enredo, enrolando e desenrolando fios que compõem a sua própria teia, única, repleta de significados, mistérios e sentidos. É, dessa maneira que enxergo este trabalho, como uma grande rede, que, agora, precisa cortar seus fios, e partir para a próxima teia.

Os inúmeros fios, as diferentes teias que foram tecidas ao longo deste trabalho, os fios do passado, do presente e do futuro trançam-se livremente rumo a uma concepção de educação libertadora, livre, que dialoga, conseqüentemente, com novas concepções de criança, documento histórico, literatura infantil, saberes escolares entre outros. Os fios impressos neste trabalho servirão de rastros do caminho percorrido, porém, os caminhos e as teias que ainda iram surgir a partir deste enredo são desconhecidos.

Estes dizeres finais não são, portanto, conclusivos, e nem podem ser. Eles não encerram nenhum dos caminhos abertos até aqui, a partir daqui as portas abrir-se-ão para novos horizontes, novos mundos, mágicos ou não, que você, leitor, desejar percorrer.

Muitos rastros deste trabalho ficarão impressos em mim, de muitas maneiras. Minhas sensibilidades e minha dedicação intelectual estiveram ligadas a este projeto durante muito tempo de maneira intensa e profunda, de forma que os rastros deixados, também, serão. É difícil identificar, portanto, uma conclusão pontual deste trabalho.

A viagem realizada pelas obras de Ana Maria Machado confirmou sua natureza de documento histórico, representando e expressando, de diferentes maneiras, o contexto em que foram produzidas; portanto, constitui-se a literatura um “testemunho histórico”, uma vez que qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente

determinada, isto é, situada no processo histórico e, logo, apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada, como se procederia com qualquer outra fonte. O encantado mundo da literatura mostrou-se rico, de conexões de sentidos e de sensibilidades; evidenciando, como se previa, as inúmeras potencialidades da literatura como formadora de personagens ativos de uma educação libertadora.

Os fios das potencialidades da Literatura como documento históricos são fios que ajudam a compor esta grande teia, que juntos construímos. Estes fios no início, fracos e um pouco perdidos chegam a este capítulo estruturados, fortes, exibindo uma teia resistente.

Os caminhos tecidos daqui em diante, são misteriosos, para mim e para você, leitor, seguimos em frente rumo a novas teias, rumo a novos desafios, rumo a teias desconhecidas.

FONTES DOCUMENTAIS

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bisa, Bisa Bel*. Ilustração; Yolanda, Regina. São Paulo: Salamandra, 1982.

MACHADO, Ana Maria. *De olho nas Penas*. Ilustração; Conforto, Gerson. São Paulo: Salamandra, 1981.

MACHADO, Ana Maria. *Do outro lado tem segredos*. Ilustração; Santo, Antonio José do Espírito. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BIBLIOGRAFIA

Base sólida que dá suporte a construção

Livros, artigos, teses.

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. *Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do Livro*. In: 30 anos de Literatura para crianças e jovens: algumas leituras. – Campinas, SP: Mercado das Letras. 1998.

BANDEIRA, Pedro. *O mistério da fábrica de livros*. –São Paulo: Hanburg, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas Vol. II*.- São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. -São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, Ana Lúcia. *A Literatura Infantil dos anos 80*. In: 30 anos de Literatura para crianças e jovens: algumas leituras. – Campinas: Mercado das Letras. 1998.

BRANDÃO, Carlos R. “Ousar utopias: da educação a educação que a pessoa cidadã cria” in AZEVEDO, J.C.; Pablo, G. e KRUG.,A. (org.) *Utopia e democracia na educação cidadã*. -Porto Alegre, UFRGS: Ed. Universidade, 2000.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *A leitura: uma prática cultural*. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação liberdade, 1996.

BURKE, Peter. *A escrita da História: Novas perspectivas*. -São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CÂNDIDO, Antonio. *A Literatura e a formação do homem*. In: Textos de intervenção, seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. -São Paulo: Editora 34, 2002.

CANTARIN, Sílvia Maria Rodrigues Nunes. *E as meninas cresceram: a construção da personagem feminina nas obras de Ana Maria Machado*. -Maringá, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. “*Ver, ouvir, escrever*” in Aula Inaugural. – Campinas IFCH: Ed. Unicamp, 1994.

CARMO, Jefferson Carriello do. *Possíveis contribuições de Edward Palmer Thompson para a história da educação*. Revista HISTEDBR on-line. - Campinas, n.27, p.9 –28 set. 2007.

CARVALHO, Bárbara V. *A literatura infantil - visão histórica e crítica*. -São Paulo: Global editora,1985.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, -Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COUTO, Karen da Costa. *A série Mico Maneco de Ana Maria Machado: um convite ao universo literário*.- Campinas, 2005.

CIPOLINI, Thaís Otani. *A literatura como documento histórico / Thaís Otani Cipolini*. – Campinas, Unicamp, 2003.

DRUMMOND, de Andrade; Carlos. *Reunião*. -Rio de Janeiro: José Olympio, 1974

DOYLE, Arthur Conan. *Sherlock Holmes: O ultimo adeus de Sherlock Holmes*. -São Paulo: Melhoramentos. 2006.

ENDE, Michael. *A história sem fim*. 7ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. -São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. Coleção Os Pensadores: FREUD. *Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão ; O Mal estar na civilização ;Esboço de psicanálise*. -São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. -Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *Imagens Entrecruzadas de Infância e de Produção de Conhecimento Histórico em Walter Benjamin*. In: Faria, A. G.; Demartini, Z. B. F.; Prado, P.D. *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. - Campinas: Autores Associados, 2002.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *A tessitura do conhecimento histórico e a relação com a narrativa literária*. In: *Anais 2º IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História*. Itajaí: Editora Unijuí, 1999, p. 649-660.

GAY, Peter. *A experiência Burguesa; da rainha Vitória a Freud – A educação dos sentidos*. –São Paulo: Cia das Letras, 1988.

HERNANDEZ, Márcia Maria Strazzacappa. MORANDI, Carla. *Entre a Arte e a docência – formação do artista*. Campinas: Papirus, 2006.

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem : Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. - Campinas: Papirus, 1994.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. -São Paulo: Editora Ática, 1985.

LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura?* -São Paulo, Ed. Brasiliense, 17ª ed. 1995.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. -São Paulo: Editora Ática, 5ª edição, 1999.

LALOJO, Marisa. *Literatura – Leitores e Leitura*. Moderna Editora. 1ª ed. 2001

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. -Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

- LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. -São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LEWIS, Clive Staples. *Três maneiras de escrever para crianças*. -São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LEWIS, Clive Staples. *As crônicas de Nárnia*. -São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de narizinho*. – São Paulo: editora Brasiliense, 1953.
- MACHADO, Ana Maria. *Bento-que-Bento-é-o-frade*. -São Paulo: Ática, 1977.
- MACHADO, Ana Maria. *História meio ao contrário*. 2ªed. -São Paulo: Ática, 1979.
- MACHADO, Ana Maria. *O Natal de Manuel*. -Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MACHADO, Ana Maria. *Raul da ferrugem azul*. 1ªed. -Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.
- MACHADO, Ana Maria. *Palavras, palavrinhas, palavrões*. -Rio de Janeiro: Codecri, 1982.
- MACHADO, Ana Maria. *O menino que espiava para dentro*. -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- MACHADO, Ana Maria. Ideologia e Livro Infantil. (24º Congresso Mundial do IBBY, 1, Sevilha.) *Revista Latino-Americana de Literatura infanto-juvenil*. (FNLIJ). 1994
- MACHADO, Ana Maria. *Fazer Ficção*. In: BASTOS, Dau. (Org.) Ana e Ruth. 25 anos de Literatura. -Rio de Janeiro: Salamandra, 1995. p. 47-50.
- MACHADO, Ana Maria. *Esta força estranha: trajetória de uma autora*. -São Paulo: Atual, 1996.
- MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente, Conversas sobre leitura e política*. -São Paulo: Editora Ática. 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. -Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2001.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Cortez Editora, UNESCO, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Completas*. – São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RAMOS, Graciliano. *A terra dos meninos pelados*. –Rio de Janeiro: Record, 1984.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da micro análise*. -Rio de Janeiro: FGV, 1998

ROCHA, Ruth. *Declaração universal dos direitos humanos*. - São Paulo: Círculo do livro, 1984.

ROCHA, Ruth. *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril...*- São Paulo: Ática, 1996.

ROCHA, Ruth. *O reizinho manda*. Ilustrações de Walter Ono. 2ªed. - São Paulo: Quinteto Editorial, 1997.

ROCHA, Ruth. *O direito das crinaças segundo Ruth Rocha*. - São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

ROCHA, Ruth. *O que os olhos não vêem*. Ilustrações de Carlos Brito. 2ªed. -São Paulo: Salamandra, 2003.

ROCHA, Ruth. *O rei que não sabia de nada*. Ilustrações de Carlos Brito. 2ªed. - São Paulo: Salamandra, 2003.

ROWLING, Joanne. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. - Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2000.

OIMENTEL, Alessandra. *Vygotsky: uma abordagem histórico – cultural da educação infantil*. s/d.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. *Literatura Infantil, História e Educação: Um Estudo da Obra Cazuza, de Viriato Corrêa*. Campinas, Unicamp. 2001.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa.1934

SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. - Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SOUSA, Mauricio de. *A Turma da Mônica*. – São Paulo: Editora Mauricio de Sousa, s/d.

SOUZA, Luciana Alvarenga Emmerich. *Contribuições da história nova para a prática pedagógica: uma abordagem do Sítio do Pica-pau amarelo* / Luciana Alvarenga Emmerich Souza. – Campinas, 1997.

THOMPSON, Edward Palm. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*; tradução de Waltensir Dutra. - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward Palm. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. -São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *Sobre histórias de fadas*. 1966.

VASCONCELOS, José Mauro de. *Rosinha minha canoa*. Editora Melhoramentos, 1962.

VOGT, Carlos. *Advertência*. In: *Geração*. -São Paulo: Brasiliense, 1985.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e Linguagem*. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WATTERSON, Bill. *Calvin e Haroldo: Yukon Ho!* - São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2008.

YAZLLE, Senise Camargo Lima. *Vozes de criança: o discurso de auto-afirmação na litera-tura infantil de Ana Maria Machado / Senise Camargo Lima Yazlle*. - Assis, 2009.

ZIRALDO, Alves Pinto. *O menino Maluquinho*. -São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1980.

Sites

Site pessoal da autora: www.anamariamachado.com.br (acessado dia 01/fevereiro/2011)

Página dos acadêmicos da Academia Brasileira de Letras:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=92> (acessado dia 04/abril/2011).

Discurso de posse de Ana Maria Machado na Academia Brasileira de Letras:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=135&sid=92> (acessado dia 04/abril/2011).

Entrevista <http://www.sobresites.com/literaturajuvenil/entrevista1.htm> .

BASTOS, Luciete de Cássia Souza Lima, Do outro lado tem segredos: memória e história na ficção infanto-juvenil de Ana Maria Machado. Disponível em:

<http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/imagem-e-palavra/DO%20OUTRO%20LADO%20TEM%20SEGREDOS%20MEM%20D3RIA%20>

[E%20HIST%D3RIA%20NA%20FIC%C7%C3O%20INFANTO%20JUVENIL%20DE%20ANA%20MARIA%20MACHADO.pdf](#) (acessado dia 29/maio/2011)

Ra-Tim-bum.Viu? Como se faz! – <http://www.youtube.com/watch?v=KCi2rGXDh4g> (acessado dia 15/abril/2011).

Imagem de Ana Maria Machado:

<http://www.google.com.br/search?q=ana+maria+machado&hl=pt-BR&tbs=itp:photo&tbm=isch&prmd=ivnsbo&ei=X5u5Tc3XD6j40gG18qz7Dw&sa=N&start=20&ndsp=20&biw=1260&bih=586> (acessado dia 28/abril/2011).

Dicionário Michaelis:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=literatura> (acessado dia 01/maio/2011).

A invenção da escrita:

http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/impresso/imp_basico/e1_assuntos_a1-4.html (acessado dia 01/maio/2011)

BRASIL. Lei Federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm (acessado dia 10/abril/2011).

RIBEIRO, Cláudia Elaine Oliveira & TEIXEIRA, Eliane de Alcântara. *Do autoritarismo à liberdade na literatura infantil*. Tempo & Memória. Revista do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação. Ano 8 – jan/dez 2009. http://books.google.com/books?id=z6NmxUGkI0gC&hl=pt-BR&source=gbs_ViewAPI (acessado dia 05/abril/2011)

BRANDÃO, Zaia. *Os jogos de escalas na sociologia da educação*. Educação & Sociedade. vol.29 no.103 Campinas May/Aug. 2008.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302008000200015&script=sci_arttext&lng=es (acessado dia 06/maio/2011).

Filmes

JEUNET, Jean- Pierre. *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*. França, 2001, duração 120min.

Michael Radford. *O carteiro e o poeta*. Itália, 1994. Duração 109min.

ANEXOS


DO OUTRO LADO TEM SEGREDOS

ANEXOS

DE OLHO NAS PENAS

ANEXOS

BISA BIA, BISA BEL

A misty forest scene with tall, slender trees and a ground covered in green grass and scattered yellow and pink flowers. The text is centered in the middle of the image.

**Espero que
tenham
aproveitado a
longa viagem
pelas terras
literárias.**

